



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



JESUITAS
Missão transformadora.

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



Novas comunidades católicas: a busca de um espaço

Luiz Roberto Benedetti

A influência das mudanças sociais sobre a religião

Brenda Carranza

Uma novidade de vida consagrada na Igreja

Rodrigo Portella

Toca de Assis: vida pautada na diferença

E mais:

>> **Fernando Ferrari Filho:**
Pré-sal x taxa de câmbio: o
risco da sobrevalorização

>> **Paola Nazário:**
Convergência tecnológica

307

Ano IX

08.09.2009

ISSN 1981-8469

Novas comunidades católicas

Na busca por um espaço no plural universo religioso brasileiro, as novas comunidades católicas têm ganhado destaque no cenário de oferta em que protestantes e neopentecostais também buscam seu lugar no coração dos fiéis. Seria uma renovação da Igreja Católica, na tentativa de se adaptar às novas características da sociedade contemporânea, pós-moderna? Ou será um convite à reafirmação dos valores católicos pregados há vinte séculos pela Igreja? Na tentativa de compreender o crescimento destas novas comunidades, que em sua maioria derivam da já conhecida Renovação Carismática Católica - RCC, a IHU On-Line desta semana entrevistou diversos especialistas no assunto.

Um panorama geral é o que nos oferecem **Luiz Roberto Benedetti**, filósofo e professor na PUC-Campinas, **Brenda Carranza**, teóloga e professora na mesma instituição, **Cecília Mariz**, professora na UERJ, e **José Rogério Lopes**, professor na Unisinos. Por sua vez, **Rodrigo Portella** fala sobre o movimento Toca de Assis. **Emerson José Sena da Silveira**, professor na Faculdade Machado Sobrinho - FMS, e no Instituto Sudeste Mineiro - Faculdade do Sudeste Mineiro - ISMEC / FACSUM, descreve o que seria o catolicismo new age e o Tarô dos Santos. Os Grupos de Oração Universitários (GOUs) são o tema de **Carlos Eduardo Procópio** e **Eduardo Gabriel** analisa o envio de missionários brasileiros para o mundo por intermédio da RCC e da Canção Nova.

Nesta edição você também confere uma entrevista com o economista **Fernando Ferrari Filho** sobre a política cambial e o pré-sal, bem como uma entrevista com **Giuseppe Tosi**, professor na UFPA, sobre Bartolomé de Las Casas.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Luiz Roberto Benedetti: Novas comunidades católicas: “tradução” mais visível da influência das mudanças sociais sobre a religião

PÁGINA 09 | Brenda Carranza: Uma novidade na estrutura de vida consagrada na Igreja

PÁGINA 11 | Cecília Mariz: “O ideário das novas comunidades é o ideário comunitário do cristianismo primitivo”

PÁGINA 13 | Rodrigo Portella: Toca de Assis: viver uma vida pautada na diferença

PÁGINA 17 | Emerson José Sena da Silveira: O catolicismo *new age* e o Tarô dos Santos

PÁGINA 21 | José Rogério Lopes: Uma reflexividade comunitária e laica

PÁGINA 23 | Carlos Eduardo Procópio: A transformação da universidade num campo de missão a partir do conhecimento

PÁGINA 25 | Eduardo Gabriel: RCC, Canção Nova e o envio de missionários brasileiros ao mundo

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 30 | Fernando Ferrari Filho: Pré-sal x taxa de câmbio: o risco da sobrevalorização cambial

» Entrevista da Semana

PÁGINA 32 | Giuseppe Tosi: Bartolomé de Las Casas: protetor dos indígenas

» Coluna Cepos

PÁGINA 34 | Paola Madeira Nazário: Convergência tecnológica: intensificando a necessidade por uma educação para as mídias

» Destaques On-Line

PÁGINA 37 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

» IHU Repórter

PÁGINA 42 | Carlos Alberto de Oliveira Cruz

» Sala de Leitura

SÃO LEOPOLDO, 08 DE SETEMBRO DE 2009 | EDIÇÃO 307



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



Novas comunidades católicas: “tradução” mais visível da influência das mudanças sociais sobre a religião

Para o filósofo Luiz Roberto Benedetti, sem o Concílio Vaticano II não estaríamos minimamente preparados para enfrentar os desafios éticos que as mudanças sociais colocam ao pensamento e ação dos cristãos

POR GRAZIELA WOLFART

O atual cenário religioso brasileiro não inspira nenhuma renovação, na visão do padre e filósofo Luiz Roberto Benedetti. Mas, esclarece ele, “talvez ajude a Igreja a tomar consciência de que sua palavra perde a aura de sacralidade e de autoridade impositiva de que gozava, uma vez que - e aqui lembro a *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI - este mundo aceita as testemunhas mais do que os mestres. Estes são vistos como necessários, pois ‘delimitam’ um campo de verdade e moralidade (psicologicamente saudável), mas isso não significa que as pessoas se guiem por eles”. Benedetti concedeu a entrevista a seguir, por e-mail, para a **IHU On-Line**, onde afirma que “o catolicismo, no Brasil, sofre as consequências da mudança social acelerada. Mudança caracterizada, no caso religioso, pelo pluralismo religioso”. E assim descreve o panorama atual do catolicismo: “a incapacidade de compreender as mudanças sociais cada vez mais rápidas e profundas leva a Igreja a propor-se como única tábua de salvação. Só ela tem o remédio para todos os males. Os fora dela estão inseguros, perdidos, desenraizados. Esta visão impede de ver os problemas reais experimentados pela grande massa. Por outro lado, pode-se visar no pontificado de Bento XVI uma espécie de catolicismo de minoria; simplificando: poucos, mas bons. Não significa buscar um catolicismo de elite, mas sim cristãos conscientes da própria fé, capazes de lutar por seus direitos de participação na vida da Igreja, co-responsáveis, presentes nos embates sociais e políticos. Não acredito na volta de um catolicismo fundado em manifestações massivas, que se esgotam em si mesmas. São psicologicamente reconfortantes, mas não representam um caminho para uma presença expressiva da Igreja no mundo”.

Benedetti possui graduação em Filosofia pelo Instituto Camiliano Pio XII, graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo, graduação em Teologia pela Conferência Nacional dos Religiosos, mestrado em Sociologia pela Universidade de São Paulo e doutorado em Ciências Humanas pela mesma instituição. Atualmente, é professor na Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. É autor de, entre outros, *Os santos nômades e o Deus Estabelecido* (São Paulo: Paulinas, 1983) e *Templo, praça, coração - A articulação do campo religioso católico* (São Paulo: Humanitas / USP / FAPESP, 2000). Escreveu o artigo *Novos rumos do catolicismo*, publicado na obra *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno* (Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como entender a renovação e a ebulição atual do catolicismo? Quais as causas que originaram o panorama católico atual?

Luiz Roberto Benedetti - A Igreja Católica vive, sim, um momento de ebulição. Nos anos 1980, o teólogo **José Comblin**¹ dizia, contrariando o

então Cardeal Ratzinger, que falava de frutos amargos do Concílio, que se não tivesse acontecido o Vaticano II a Igreja talvez já tivesse desaparecido. Não foi uma frase de efeito. Na realidade, o que acontece é

A ideologia da segurança nacional: O poder militar na América Latina (3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980), *A liberdade cristã* (Rio de Janeiro: Vozes, 1977). (Nota da IHU On-Line)

que tudo o que houve durante e depois do Concílio preparou a Igreja, até certo ponto, para enfrentar as mudanças que se aceleravam cada vez mais. Independentemente de se aceitar ou não a pós-modernidade como etapa ou crítica da modernidade, o fato é que esta atinge todas as esferas da vida social. Literalmente põe em questão a forma de es-

tar no mundo por parte das igrejas, não apenas a católica. Todas. Mesmo as oriundas historicamente da Reforma - que pode ser vista como a primeira “etapa” da Revolução Burguesa - não escapam ao desafio de recolocar-se no mundo atual. Sem o Concílio não estaríamos minimamente preparados para enfrentar os desafios éticos que as mudanças sociais colocam ao pensamento e ação dos cristãos. O clima de liberdade nos tempos de João XXIII² e Paulo VI³ “prepararam”, até certo ponto, a Igreja Católica para enfrentar os desafios da realidade atual. Há muito de ingenuidade e, sobretudo, de má fé atribuir a eles os problemas vividos pela Igreja. Agora, não sei se é possível falar de renovação. O papado altamente centralizador de João Paulo II⁴ combinou um forte apelo emocional-midiático com rigidez e controle exacerbado sobre a liberdade que o teólogo precisa para “pensar” a fé à luz da mudança histórica, restabeleceu a ligação direta bispos-burocracia romana (deixando em segundo plano, quando não ignorando, as conferências episcopais); na nomeação destes pensou mais na docilidade que na lucidez, inteligência e sabedoria (capacidade de discernimento). A impressão que se tem é que Bento XVI tem consciência da situação que herdou e busca remédios. Mas, mesmo em seus momentos mais felizes, carrega o fardo de inquisidor.

IHU On-Line - Em que sentido as religiões emergentes servem de inspi-

² **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da IHU On-Line)

³ **Paulo VI** (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Papa João Paulo II** (1920 - 2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da IHU On-Line)

ração para o catolicismo na atual disputa por espaço e prestígio social no cenário religioso brasileiro?

Luiz Roberto Benedetti - Não sei se há religiões emergentes, no sentido clássico atribuído à palavra religião como sistema articulado de ideias, ritos e normas morais, capaz de dar um sentido ao mundo como realidade construída. Há mais um estado de espírito, de cor religiosa, difuso, altamente subjetivo. A subjetividade, exacerbada pelo fluxo de imagens e informações, combina elementos de tradições opostas e o faz seguindo modas, ou seja, o *mix* religioso psicológico tem duração efêmera.

“Independentemente de se aceitar ou não a pós-modernidade como etapa ou crítica da modernidade, o fato é que esta atinge todas as esferas da vida social”

Poucos falam hoje da Nova Era,⁵ por exemplo. Mais ainda, se olharmos o “prestígio” da auto-ajuda, salpicada de conselhos edificantes tirados das religiões e totalmente fora de contexto, os romances de cunho religioso vendendo aos montes (*A Cabana*, por exemplo), fica evidente que podemos falar mais de religiosidade fluida, dispersa, do que de religiões. E mais: quando a religião se torna questão de defesa do consumidor (vai parar no PROCON), levada para os bancos dos réus, tudo isso é sintoma de uma mudança radical. Claro que a situa-

⁵ **Nova Era ou New Age**: O Movimento Nova Era ou New Age tem muitas subdivisões, mas é geralmente uma coleção de sistemas de ensino metafísicos de influência oriental, um conglomerado de teologias, esperanças e expectativas mantidas juntas com um ensino eclético de salvação, “pensamento correto” e “conhecimento correto”. É uma teologia de “bem-estar”, “tolerância universal” e “relativismo moral”. Retirado de “http://pt.wikipedia.org/wiki/New_Age”. (Nota da IHU On-Line)

ção sumariamente esboçada não inspira nenhuma renovação. Mas talvez ajude a Igreja a tomar consciência de que sua palavra perde a aura de sacralidade e de autoridade impositiva de que gozava, uma vez que - e aqui lembro a *Evangelii Nuntiandi*⁶ de Paulo VI - este mundo aceita as testemunhas mais do que os mestres. Estes são vistos como necessários, pois “delimitam” um campo de verdade e moralidade (psicologicamente saudável), mas isso não significa que as pessoas se guiem por eles.

IHU On-Line - Como o senhor caracteriza, de modo geral, o catolicismo no Brasil? Em que consiste o dilema entre “apelo à massa” e comportamento reservado; ou “cristianismo de massa” e de minoria?

Luiz Roberto Benedetti - Há que olhar, primeiramente, os números do Censo. Numericamente há uma queda expressiva e crescente. Fato normal, uma vez que qualquer situação de pluralismo e diversidade religiosas, como a que vivemos, sempre provoca evasão da religião dominante ou hegemônica. O catolicismo, no Brasil, sofre as consequências da mudança social acelerada. Mudança caracterizada, no caso religioso, pelo pluralismo religioso. O aumento crescente de grupos religiosos que oferecem toda sorte de soluções para problemas da desigualdade social violenta pode levar a Igreja a cair na mesma tentação. Mais a tentação de embarcar no catolicismo midiático, um meio de atuar que atinge os que já são fiéis, altamente oneroso do ponto de vista financeiro. Ao invés de concentrar esforços numa emissora de qualidade, que tenha credibilidade, investem-se recursos em canais que acabam disputando, entre si, na transmissão de uma mensagem que, no limite, pouco contribui para dar solidez ao testemunho da fé no mundo urbano. A tentação de cair numa religiosidade intimista, de cunho emocional, somada à rigidez moral e ao devocionismo. A geração do Vaticano II sai de cena. Enfrenta-

⁶ **Evangelii Nuntiandi**: exortação apostólica editada em 8 de dezembro de 1975 pelo Papa Paulo VI. (Nota da IHU On-Line)

mos o problema de nomeações episcopais e a falta de abertura a novas formas de exercício dos ministérios ordenados. A incapacidade de compreender as mudanças sociais cada vez mais rápidas e profundas leva a Igreja a propor-se como única tábua de salvação. Só ela tem o remédio para todos os males. Os fora dela estão inseguros, perdidos, desenraizados. Esta visão impede de ver os problemas reais experimentados pela grande massa. Por outro lado, pode-se visar no pontificado de Bento XVI uma espécie de catolicismo de minoria; simplificando: poucos, mas bons. Não significa buscar um catolicismo de elite, mas sim cristãos conscientes da própria fé, capazes de lutar por seus direitos de participação na vida da Igreja, corresponsáveis, presentes nos embates sociais e políticos. Não acredito na volta de um catolicismo fundado em manifestações massivas, que se esgotam em si mesmas. São psicologicamente reconfortantes, mas não representam um caminho para uma presença expressiva da Igreja no mundo.

IHU On-Line - Qual a importância das comunidades católicas para manter viva a chama do catolicismo e para fortalecer a capacidade profética da Igreja?

Luiz Roberto Benedetti - As comunidades de vida não são um fenômeno novo na História. As ordens e congregações religiosas, surgindo quase sempre às margens da instituição, representaram papel semelhante. Guiadas pelo carisma do fundador, passaram do entusiasmo inicial, renovador, assumindo tarefas sociais relevantes do momento, a uma acomodação e burocratização institucional que domesticou a energia fundante e a pôs a serviço da instituição. A visão de Weber⁷ cabe aqui: a domesticação do

⁷ Maxmillion Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em

“Quando a religião se torna questão de defesa do consumidor (vai parar no PROCON), levada para os bancos dos réus, tudo isso é sintoma de uma mudança radical”

carisma. De movimento a instituição. O movimento carismático já está incorporado à vida da instituição. Burocratizado e tem sua “continuidade” nas comunidades de vida. Se elas podem fortalecer a missão profética da Igreja? Bem, não dá para responder em cima dos fatos, no calor da hora. É cedo. Se tem um papel “profético” é o de abrir a instituição para levar mais a sério a subjetividade e a liberdade de escolha do homem moderno. Ele não tolera ser um a mais. Gosta do anonimato, mas anonimato “escolhido”. As relações significativas ele as escolhe. Serem proféticas as comunidades no sentido de renovar a vida da Igreja, a sua forma de presença na sociedade, não vejo que possam a vir desempenhar esse papel. Mesmo porque há várias formas de comunidade: as que valorizam a emoção, aquelas que somam devocionismo, emoção, rigidez moral e atendimento aos sofredores (o caso exemplar é o da Toca de Assis⁸). Na sua diversidade têm um ponto em comum: uma leitura fundamentalista da Palavra de Deus e do magistério, sobretudo nas

<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158261116pdf.pdf>. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos *Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Confira, nesta edição, a entrevista com Rodrigo Portella, intitulada *Toca de Assis: viver uma vida pautada na diferença*. (Nota da IHU On-Line)

normas morais referentes à sexualidade. Talvez possam ser “proféticas” no sentido de não aderir ao relativismo reinante.

IHU On-Line - Os novos grupos e comunidades católicas buscam uma renovação dentro da Igreja ou continuam reiterando as mesmas verdades proferidas ao longo de vinte séculos? Manter-se “copiando” o passado pode ser um atrativo inclusive para os jovens?

Luiz Roberto Benedetti - Sim, buscam a renovação, mas à sua maneira. Representam a cultura moderna na valorização da *performance*, da emoção; outras questionam, mas caem no descrédito: por exemplo, ser franciscano não significa vestir-se como São Francisco, andar descalço ou cortar o cabelo como na Idade Média. Será que isso renova a Igreja, atrai os jovens? Ou não serão outras razões mais ligadas à situação cultural e socioeconômica que explicam a atração que exercem?

IHU On-Line - O que o senhor entende pelo “diálogo de surdos” entre a Igreja e seus membros? As novas comunidades católicas podem contribuir para a melhora deste diálogo?

Luiz Roberto Benedetti - Há uma distância crescente entre as aspirações e os problemas vividos pelos homens e mulheres contemporâneos e a postura da Igreja. Ao propor-se como tábua de salvação para todos os males e considerar erro e desvio tudo o que não se coloca na sua perspectiva impede um diálogo, adulto, livre e responsável com o mundo. Mesmo dentro da Igreja, as aspirações dos fiéis não são levadas em conta. Não se trata de mudar sua verdade, mas de criar sensibilidade às dores e alegrias humanas que não se resolvem com condenações aos que tentam interpretá-las à luz do Evangelho (refiro-me especificamente aos teólogos). Mais: a distância entre o pensamento científico e o teológico. O biólogo, o físico, o matemático explicam o universo. O teólogo pode dialogar com eles ficando restrito ao que a instituição diz e o “obriga” a crer. E os problemas sociais: a encíclica de

“Há uma distância crescente entre as aspirações e os problemas vividos pelos homens e mulheres contemporâneos e a postura da Igreja”

Bento XVI foi relativamente bem recebida. Mas fica a interrogação: porque foi esquecida a “Pacem in Terris” de João XXIII,⁹ num dos seus pontos altos: as relações internacionais? Não vejo como as novas comunidades possam abrir os ouvidos de uns e outros nesse diálogo. Mesmo porque professam uma fé cega à palavra do magistério, que, aliás, constitui sua segurança num mundo marcado pelo relativismo, como já disse.

IHU On-Line - Quais as influências do Concílio Vaticano II para o fortalecimento das novas comunidades católicas?

Luiz Roberto Benedetti - As novas comunidades não constituem meu campo de pesquisa. Procuo acompanhar a literatura sobre o assunto. Digo isso porque vejo nelas a “tradução” mais visível da influência das mudanças sociais sobre a religião. Sua uniformidade - adesão incondicional à letra da Bíblia e do magistério eclesiástico - e a diversidade interna são aspectos de uma realidade social que afeta diretamente vida religiosa. De um lado, o pluralismo ético e religioso e o individualismo levam pessoas a buscarem grupos que lhe dêem segurança. A comunidade representa segurança e a leitura da vida da fé em termos de verdade pronta garante identidade. Não há contradição entre o vale-tudo religioso e o fundamentalismo. O segundo aparece como forma de reação pessoal e institucional a uma situação que um sociólogo do porte de Berger define como caos (Durkheim diria anomia). Não vejo como o Vaticano II possa ter influenciado as novas comunidades. Elas brotam de movimentos religiosos, do tipo renovação carismática, e sua raiz está sempre na mu-

⁹ Sobre esse tema, confira a edição 53 da revista IHU On-Line, de 31-03-2003, **40 anos depois: Pacem in terris!** disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161289549.27pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

dança social.

IHU On-Line - Em que medida as novas comunidades católicas contribuem para que a Igreja possa se pensar na própria história?

Luiz Roberto Benedetti - A meu ver sua adesão incondicional a uma instituição - no caso a Igreja - permite entender as contradições e impasses que ela enfrenta. Permite compreender os limites das imposições eclesásticas de caráter burocrático. Pode levar à descoberta de que no mundo de hoje “se flutua”, se navega e a Igreja descobre que não tem mais o controle sobre seu próprio discurso. Ele é apropriado por todas as instâncias sociais, de modo especial a mídia, que o interpreta num paradigma antro-po-político. Dizer, por exemplo, que não se deve ordenar mulheres é norma da Igreja e aceita quem quer (liberdade de escolha). Isso pode dizer a instituição eclesástica. Mas a “verdade” do mundo está em outro lugar. Objetivamente essa norma não é vista como desígnio de Deus para sua comunidade. É, sim, fruto de uma discriminação da mulher, herança da tradição patriarcal-machista. Mais ainda, vista como atitude preconceituosa fere os direitos humanos básicos. Bem, então se alega liberdade religiosa. O lugar social da Igreja e da religião mudou.

LEIA MAIS...

>> Luiz Roberto Benedetti já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira o material na nossa página eletrônica.

* *A trajetória dos clássicos das Ciências Sociais*. Publicada na revista IHU On-Line número 283, de 24-11-2008, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1457

CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE NO
ENDEREÇO WWW.IHU.UNISINOS.BR

Uma novidade na estrutura de vida consagrada na Igreja

Brenda Carranza considera que o crescimento das novas comunidades católicas se deve à agilidade da sua organização. “Livre das amarras canônicas das grandes congregações, as novas comunidades se espalham com maior rapidez”, conclui

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Na tentativa de definir o que são as novas comunidades católicas, a teóloga Brenda Carranza entende que elas são “novas agregações religiosas católicas que reúnem homens e mulheres, casados ou solteiros, jovens, famílias em torno de experiências religiosas devocionais, sacramentais e projetos de evangelização”, ou em outras palavras, “um certo vinho novo em odres velhos”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, Brenda explica as diferenças entre o catolicismo tradicional e as novas comunidades católicas, que “caracterizam-se pelo número pequeno de seus membros, por serem agrupamentos mais controlados socialmente, isto é, estão sob a autoridade de uma liderança, que pode ser o fundador ou formador, convivem mais intensamente, às vezes sob o mesmo teto, e partilham não só seus ideais evangelizadores e de conversão, como seus bens econômicos”.

Brenda Carranza possui graduação em Teologia pela Universidade Francisco Marroquim (UFM), na Guatemala, bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, e bacharelado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas/ Pontifício Ateneo Santo Anselmo, PUC-Campinas/Roma. É mestre em Sociologia pela Unicamp, com a dissertação *Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e Tendências* e doutora em Ciências Sociais pela mesma instituição com a tese *Movimentos do Catolicismo Brasileiro: cultura, mídia e instituição*. Docente na PUC-Campinas, Brenda é também coordenadora da Coleção *Sujeitos e Sociedade* da Editora Idéias & Letras. Tem publicado o livro *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências* (2. ed. Aparecida - SP: Santuário, 2000). Junto com Cecília Mariz e Marcelo Camurça, é uma das organizadoras de *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno* (Aparecida: Idéias & Letras, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que são, exatamente, as novas comunidades católicas?

Brenda Carranza - São novas agregações religiosas católicas que reúnem homens e mulheres, casados ou solteiros, jovens, famílias em torno de experiências religiosas devocionais, sacramentais e projetos de evangelização. Elas são, historicamente, um dos desdobramentos da Renovação Carismática Católica – RCC – que, ao longo de quatro décadas, no Brasil, tem se consolidado como movimento espiritual centrado nos dons do Espírito Santo e na vivência de carismas.

IHU On-Line - Em que aspectos elas diferem do modelo tradicional de ca-

tolicismo?

Brenda Carranza - O catolicismo tradicional é um catolicismo de massas, que congrega os fiéis em torno de experiências devocionais, sacramentais e, de certo modo, doutrinárias. Essas experiências são vivenciadas quase que culturalmente e adquirem feições diferenciadas, dependendo da região geográfica em que acontecem. Já as novas comunidades caracterizam-se pelo número pequeno de seus membros, por serem agrupamentos mais controlados socialmente, isto é, estão sob a autoridade de uma liderança, que pode ser o fundador ou formador, convivem mais intensamente, às vezes sob o mesmo teto, e partilham não só

seus ideais evangelizadores e de conversão, como seus bens econômicos.

IHU On-Line - Esse é um novo jeito de ser católico?

Brenda Carranza - É e não é. Enquanto grupos que se propõem a viver juntos sob o mesmo teto, as denominadas comunidades de vida, compartilhando as tarefas domésticas, as responsabilidades econômicas e uma espiritualidade de vida comunitária não diferem da proposta de congregações religiosas tradicionais (salesianos, jesuítas, irmãs paulinas etc.). Porém, por serem grupos de leigos que se propõem a viver esses ideais de castidade, obediência e pobreza em comunidades mis-

tas, isto é, grupos nos quais solteiros e casados submetem-se às mesmas exigências, num mesmo espaço, podemos dizer que é um novo jeito. Até canonicamente vêm representando um impasse que deve ser acomodado na legislação eclesial.

IHU On-Line - Por que as novas comunidades católicas crescem tanto?

Brenda Carranza - Diríamos que crescem dentro da Igreja Católica à sombra da RCC, pois são um desdobramento da mesma. O seu desenvolvimento se deve à proposta de vida comunitária que propõem, pois o fiel que deseja um compromisso religioso encontra nessa maneira de agrupamento duas modalidades de inserção: na primeira, na comunidade de vida, como já disse, na qual pode participar de uma experiência comunitária, sem renunciar à sua profissão ou acomodando-a aos interesses do grupo. Na segunda, na comunidade de aliança, o fiel participa do mesmo estilo e proposta espiritual da comunidade de vida, mas não compartilha a experiência comunitária de viver sob o mesmo teto, além de ficar menos disponível para os deslocamentos geográficos que, porventura, a comunidade nova venha exigir. Por exemplo, fundar um grupo numa determinada área que interesse ter a presença da nova comunidade.

IHU On-Line - O que explica o número de 550 novas comunidades católicas no Brasil, conforme seu artigo *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno?*

Brenda Carranza - Acho que a agilidade da sua organização. Livre das amarras canônicas das grandes congregações, as novas comunidades se espalham com maior rapidez, ora para fundar novos grupos, realizar projetos, ora para incorporar novos membros e os deslocar de um lado para outro.

IHU On-Line - Qual é o perfil das pessoas que procuram as novas comunidades católicas?

Brenda Carranza - Em geral são de classe média, média baixa, como os profissionais liberais, sobretudo, a liderança. Já os membros tendem a ser de classe popular.

IHU On-Line - Como compreender essa revolução e renovação interna do catolicismo em contraposição ao crescimento das religiões neopentecostais?

Brenda Carranza - Não sei se podem ser compreendidos como revolução, pois suas propostas não trazem transformações estruturais, antes, se alinham numa perspectiva conservadora da Igreja. Talvez seja melhor as designar como inovação, no sentido de que são uma novidade na estrutura de vida consagrada na Igreja, outrora marcada por uma divisão sexual das formas de viver os votos religiosos. Ou seja, as novas comunidades propõem a vivência da castidade aos matrimônios e o celibato aos solteiros. Ambos pertencem ao mesmo grupo e são cobrados, comunitariamente, pela vivência do voto realizado publicamente. O mesmo se pode dizer da obediência e castidade. Já o neopentecostalismo evangélico é o movimento de massas, contrário às novas comunidades.

IHU On-Line - O que é a neopentecostalização católica? Em que contexto ela surge?

Brenda Carranza - Face ao neopentecostalismo, diríamos que ela se caracteriza pelo uso da mídia, sua presença nos meios de comunicação social, a incisiva participação na vida política, a espetacularização do sofrimento, da aflição e da dor, e a demonização do cotidiano. As novas comunidades participam desses elementos à maneira católica, ou seja, muitas assumem o uso da mídia como canal privilegiado de evangelização, outras são preocupadas pela aflição e a dor das pessoas, promovendo uma vida litúrgica e sacramental centrada na cura e libertação. Outras, ainda, se preocupam com a presença do demônio na vida cotidiana das pessoas e, a partir daí, propõem ações concretas de libertação. Já na vida política partidária, normalmente acatam as indicações da RCC.

IHU On-Line - Em que aspectos essas comunidades inauguram um catolicismo midiático?

Brenda Carranza - No sentido em que reforçam uma opção preferencial pelos meios de comunicação de massa

como sendo os veículos de evangelização. No entanto, fazer uso desses meios não dispensa da apropriação da cultura midiática que traz no seu seio valores que se contrapõem à doutrina católica. Dito de outra maneira: esses grupos apostam nos valores de uma cultura que, revestida de marketing religioso, propiciam outras formas de experiências religiosas, entretanto, essa cultura pode estar indo contra os princípios dessas comunidades, embora isso não seja perceptível a olho nu.

IHU On-Line - Acredita que essas novas comunidades são expressões pós-modernas de religião? Por quê?

Brenda Carranza - A pós-modernidade é um termo polivalente, que precisa ser matizado a cada vez que é utilizado. Se entendermos a pós-modernidade como expressões conflitantes num mesmo tempo e espaço, acho que as novas comunidades são uma manifestação de um catolicismo que se repõe com matrizes conservadoras e tradicionais num novo contexto de expressão midiática. Um certo vinho novo em odres velhos.

IHU On-Line - Em que medida elas significam “ar fresco” a uma religião milenar que precisa se adaptar aos novos tempos?

Brenda Carranza - Na medida em que essas novas comunidades agregam jovens por meio da música e de projetos de vida, capazes de canalizar suas energias e ideias, e de multiplicar-se por toda a geografia brasileira sob o lema de “ser feliz por ser católico”, talvez possa ser interpretado como ar fresco. Mas acho que, seja mais um “ar” de visibilidade de Igreja do que fresco, no sentido de propostas transformadoras, capazes de revitalizar por dentro a própria Igreja.

IHU On-Line - Como a hierarquia vaticana percebe essas novas comunidades?

Brenda Carranza - Não só as percebe como apoia. Nas últimas cerimônias de celebração de Pentecostes, o Papa Bento XVI tem manifestado seu apoio e impulso a essas novas comunidades, ao mesmo tempo em que as reconhece como um dos desdobramentos da RCC.

“O ideário das novas comunidades é o ideário comunitário do cristianismo primitivo”

Para Cecília Mariz, uma diferença marcante entre a tradição católica e a protestante é o projeto comunitário católico e o individualizante protestante

POR GRAZIELA WOLFART

Ao refletir sobre o que pode justificar o crescimento das novas comunidades católicas, a professora Cecília Mariz descreve o seguinte cenário: “para se manter uma fé, uma crença em uma moralidade ou em valores que rompem fortemente com os valores predominantes na sociedade mais ampla, ou seja, para experimentá-los como possíveis ou ‘plausíveis’, os indivíduos precisam conviver intensamente e trocar afetivamente com pessoas que compartilham a mesma visão de mundo”. E continua, na entrevista que concedeu à IHU On-Line por e-mail: “as novas comunidades, além de oferecer segurança, são a possibilidade de construção de plausibilidade que se precisa para adotar propostas distintas da sociedade mais ampla”.

Cecília Loreto Mariz possui graduação em Ciências Sociais e mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, e doutorado em Sociology of Culture and Religion (Phd) pela Boston University. Atualmente é professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. É uma das organizadoras de *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno* (Aparecida: Ideias & Letras, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Considerando as características da sociedade atual, podemos afirmar que o refúgio nas comunidades católicas pode ser um abrigo em um mundo “fora dos limites”, como escreve Luiz Benedetti em seu artigo *Novos rumos do catolicismo*, na obra *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno* (Aparecida: Ideias & Letras, 2009)?

Cecília Mariz - Sim concordo com Benedetti¹, e acrescentaria ainda que Durkheim,² em seu livro clássico *O Suicídio*, apresenta argumentos a favor dessa hipótese. Para Durkheim, os indivíduos estão, não apenas subjetivamente, mas objetivamente, mais vulneráveis em uma sociedade onde as regras compartilhadas são poucas e

fracas. A força do indivíduo, de acordo com esse autor, estaria na sua interiorização dos limites dados pelo social. Essa linha de pensamento também reaparece, embora sob outra roupagem e permeada de crítica social diversa da feita por Durkheim, no texto de Bauman³ sobre a busca de experiências comunitárias no mundo contemporâneo. Para Bauman, a comunidade seria um abrigo para as dúvidas, incertezas que o aumento da autonomia individual da sociedade atual oferece. O dilema do indivíduo contemporâneo seria, segundo Bauman, escolher entre a segurança e a liberdade. Na comunidade, o indivíduo sacrificaria sua liberdade para se sentir seguro.

IHU On-Line - Como entender a busca dos jovens por movimentos dentro da Igreja que, muitas vezes, reiteram o dogmatismo e o conservadorismo clássico do discurso proferido há vinte séculos? Por que os jovens buscam os “muros internos do coração”?

Cecília Mariz - Os argumentos acima de Benedetti e Bauman ajudariam a entender o porquê da opção por esses “muros internos” que você menciona. “Muros” são ótimas metáforas para se pensar em segurança e proteção. Se, no mundo contemporâneo, existe uma segurança maior em termos existenciais e morais, essa insegurança pode ser maior quando se é jovem. Abraçar um sistema ideológico pouco flexível, radical, fundamentalista sempre foi uma opção juvenil para fugir das dúvidas específicas dessa etapa da vida. Para os jovens, relativizar, tolerar e flexibilizar um sistema valorativo, moral ou mesmo cognitivo, é uma fraqueza dos mais velhos, e defende que abole radicalmente todo sistema moral ou o adota sem contemporização. Essa atitude não seria específica dos jovens, mas

¹ Confira nesta edição a entrevista realizada com Luiz Roberto Benedetti, intitulada *Novas comunidades católicas: “tradução” mais visível da influência das mudanças sociais sobre a religião*. (Nota IHU On-Line)

² David Émile Durkheim (1858-1917): conhecido como um dos fundadores da Sociologia moderna. Foi também, em 1895, o fundador do primeiro departamento de sociologia de uma universidade europeia e, em 1896, o fundador de um dos primeiros jornais dedicados à ciência social, intitulado *L'Année Sociologique*. (Nota da IHU On-Line)

³ Zygmunt Bauman: sociólogo polonês, professor emérito nas Universidades de Varsóvia, na Polônia e de Leeds, na Inglaterra. Publicamos uma resenha do seu livro *Amor Líquido* (São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2004), na 113ª edição do IHU On-Line, de 30 de agosto de 2004. Publicamos um entrevista exclusiva com Bauman na revista IHU On-Line edição 181 de 22 de maio de 2006, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158345309.26pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

de todos que vivem em estado de vulnerabilidade. Observa-se também que aqueles que vivem em situação de risco, seja por falta de recursos, seja por viver em regiões de conflitos, tendem a abraçar modelos fundamentalistas ou abrir mão de valores e moralidades, ou seja, é tudo ou nada. Ser jovem é viver uma experiência de insegurança existencial por ser, por definição, uma experiência de liminaridade, por não ser mais criança e ainda não ser adulto. Ser jovem em uma sociedade que gera insegurança em todas as faixas etárias é uma experiência ainda de maior vulnerabilidade.

IHU On-Line - Como entender o crescimento das novas comunidades católicas?

Cecília Mariz - Para se manter uma fé, uma crença em uma moralidade ou em valores que rompem fortemente com os valores predominantes na sociedade mais ampla, ou seja, para experimentá-los como possíveis ou “plausíveis”, os indivíduos precisam conviver intensamente e trocar afetivamente com pessoas que compartilham a mesma visão de mundo. As novas comunidades católicas criam o que Peter Berger⁴ chama de, “estrutura de plausibilidade” para várias dimensões do catolicismo seja para a moralidade sexual, tal como pregada pelo Papa, seja para um projeto de catolicismo social. Para se manter um tipo de moralidade sexual contrária a predominante é importante namorar com pessoas que compartilhem a mesma visão de mundo. Onde encontrar essas pessoas? As comunidades os reúnem. Por outro lado, também alguém que rejeite consumir modas ou diversos supérfluos constantemente criados pela sociedade industrial precisa do apoio de uma comunidade forte. O indivíduo imerso na sociedade consumista nem percebe que está consumindo demais, pensa que precisa de fato do tal supérfluo (isso não apenas para os ricos, mas também e mais dolorosamente para os pobres). Se, por acaso, se questiona e se nega a entrar na onda consumista mais geral, pode ser considerado como “deprimido”, “de-

⁴ Peter Berger: um dos mais conceituados sociólogos norte-americanos da religião, é professor de Sociologia na Universidade de Boston. (Nota da IHU On-Line)

sistindo” da vida, ou “reprimido”. As novas comunidades, além de oferecer segurança, são a possibilidade de construção de plausibilidade que se precisa para adotar propostas distintas da sociedade mais ampla.

IHU On-Line - O que podemos entender por catolicismo social? Como as novas comunidades católicas se inserem nesse contexto?

Cecília Mariz - Há várias formas de entender o catolicismo social: há definições mais amplas e mais específicas. De uma forma mais genérica, eu entenderia como catolicismo social aquele que afirma que a verdadeira espiritualidade cristã resulta necessariamente numa busca de maior justiça social e numa preocupação com os mais pobres e carentes. Nesse sentido amplo, as novas comunidades se inserem em um catolicismo social, tanto por sua experiência comunitária - há compartilhamento nas comunidades de vida de todos os bens -, como também por obras sociais. A criação de comunidades que redefinissem a forma de distribuição e produção dos bens e riquezas na sociedade tem sido uma das estratégias das utopias socialistas. Nesse sentido, há convergência entre o projeto socialista, o cristianismo primitivo e as novas comunidades.

IHU On-Line - O que os jovens buscam hoje dentro da Igreja Católica que as religiões neopentecostais, por exemplo, não podem oferecer?

Cecília Mariz - Uma diferença marcante entre a tradição católica e a protestante é o projeto comunitário católico e o individualizante protestante. O pentecostalismo, e mais ainda o neopentecostalismo, carregam esse projeto individualista. A prosperidade individual neopentecostal pode ser uma boa promessa para muitos, mas pode não ter o apelo para todos, especialmente para aqueles que criticam a sociedade de consumo e que se sentem insatisfeitos com o individualismo extremo do mundo contemporâneo.

IHU On-Line - Quais as mudanças que as novas comunidades católicas provocam dentro da Igreja no sentido da atuação do leigo e da sua espiritua-

lidade?

Cecília Mariz - Uma mudança importante parece ser o papel do leigo. As comunidades possuem líderes leigos e, por vezes, casados e com filhos. Acho isso uma novidade. Nessa experiência, a família, filhos e vida sexual não parecem ser um impedimento para a liderança e o crescimento espiritual. Nesse sentido, o projeto das novas comunidades questiona o modelo mais tradicional de igreja.

IHU On-Line - Em que medida as novas comunidades católicas refletem o ideário de vida comunitária cristã?

Cecília Mariz - Acho difícil responder a essa pergunta, se de fato as novas comunidades conseguem viver esse ideário, porque projeto e discurso podem ser diferentes da realidade cotidiana, e me parece muito difícil fazer uma análise de uma realidade que terminaria por ser um julgamento: estaria ela sendo cristã como quer mesmo? Se elas conseguem viver esse ideário cristão de fato? Não sei, mas sem dúvida o ideário das novas comunidades é o ideário comunitário do cristianismo primitivo. Creio que isso também explica seu forte apelo para tantos.

IHU On-Line - Qual a influência da Teologia da Libertação para a formação e fortalecimento das novas comunidades católicas?

Cecília Mariz - Não sei se podemos identificar influência direta dessa teologia nas novas comunidades. Acho que não. Mas podemos verificar que tanto a Teologia da Libertação como as novas comunidades se inspiram no cristianismo primitivo e nesse aspecto compartilham valores e ideais. No Brasil, em minha pesquisa, encontrei jovens que tiveram experiência em pastoral vinculada à Teologia da Libertação e depois abraçaram novas comunidades. Mas não diria que uma opção influenciou a outra. Pelo menos em minhas pesquisas até agora não observei isso. Embora Teologia da Libertação e novas comunidades possam compartilhar a mesma utopia cristã, a forma como define essa utopia, como a percebe, ou como se pode construí-la, e os caminhos para alcançá-la parecem realmente bem distintos.

Toca de Assis: viver uma vida pautada na diferença

Na opinião de Rodrigo Portella, o catolicismo tem se servido da cultura “do mundo”, da sociedade secular, antes vista com desconfiança, e, no assimilar as expressões culturais à sua volta, as têm transformado, cristianizado

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

“**A** Fraternidade Toca de Assis é uma organização religiosa na Igreja Católica, de caráter neofranciscano, composta por grande quantidade de jovens. Atualmente, a organização conta com mais de 2.000 aderentes em sua fraternidade de vida religiosa consagrada, espalhados em cerca de 120 casas pelo Brasil e exterior. A Toca de Assis vincula-se, em simpatia e inspiração, à Renovação Carismática Católica. É, grosso modo, uma Comunidade de Vida e Aliança.” Essa é a definição que Rodrigo Portella dá ao movimento católico Toca de Assis. Ele concedeu a entrevista a seguir, por e-mail, à **IHU On-Line**, onde explica que “a Toca de Assis entende ter a missão de zelar pela pureza doutrinária e litúrgica da Igreja, e pela santidade do clero e dos fiéis, e para tanto empreende, através de orações e rituais, uma ‘batalha espiritual’ em defesa do modelo de Igreja que idealiza”. E acrescenta: “as novas sensibilidades também são antigas, ou seja, recuperam, às vezes em novas roupagens e expressões, elementos tradicionais do catolicismo, como a ênfase em jejuns, sacrifícios, adoração permanente à eucaristia e a reutilização de formas estéticas (como vestimentas) que remetem a um catolicismo que lembra o passado, também na linguagem e nas formas litúrgicas”. E ao falar sobre o cuidado dos toqueiros com os pobres e pessoas da rua, Portella, alerta que, no caso das novas comunidades e da Toca de Assis em particular, “este encontro com os mais pobres se dá em perspectiva bem distinta da opção pelos pobres ensaiada pela Igreja latino-americana nas últimas décadas”.

Rodrigo Portella é doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, na área de concentração em Ciências Sociais, tendo realizado estágio doutoral na Universidade do Minho, em Portugal. É mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, e possui graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia - EST, e em História pela Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia - FFSF. Tem experiência na área de Ciência da Religião, História e Ciências Sociais. É também coordenador da coleção “Cultura & Religião”, da Editora Santuário, e co-autor, ao lado de Antônio Magalhães, de *Expressões do Sagrado: reflexões sobre o fenômeno religioso* (Aparecida: Santuário, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é a Toca de Assis? Qual é o contexto de seu surgimento?

Rodrigo Portella - A Fraternidade Toca de Assis é uma organização religiosa na Igreja Católica, de caráter neofranciscano, composta por grande quantidade de jovens. Atualmente, a organização conta com mais de 2.000 aderentes em sua fraternidade de vida religiosa consagrada, espalhados em cerca de 120 casas pelo Brasil e exterior. A Toca de Assis vincula-se, em simpatia e inspiração, à Renovação Carismática Católica.¹

¹ Renovação Carismática Católica (RCC): movimento católico que surgiu nos Estados Unidos

É, grosso modo, uma Comunidade de Vida e Aliança. Da comunidade de aliança participam leigos sob a inspiração da organização, e na comunidade de vida estão mulheres e homens que fazem os votos religiosos de pobreza, castidade e obediência. A comunidade de vida toma a forma

em meados da década de 1960. Ele é voltado para a experiência pessoal com Deus, particularmente através do Espírito Santo e dos seus dons. Esse movimento busca dar uma nova abordagem às formas de evangelização e renovar práticas tradicionais dos ritos e da mística católicos. O movimento carismático católico foi influenciado em seu nascimento pelos movimentos pentecostais de origem protestante e até hoje esses dois grupos se assemelham em vários aspectos. (Nota da IHU On-Line)

de um instituto religioso, subdividido para homens e para mulheres, cujo nome oficial é Instituto dos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento. Seus membros cultivam a adoração permanente à eucaristia, vestem-se com roupas (hábito) de inspiração franciscana e vivem em extrema pobreza, no ideal de depender, em tudo, da providência divina. Os toqueiros, como são chamados, acolhem, em suas casas (comunidades) a população em situação de rua e vão às vias das grandes cidades para oferecer higiene, lanches e curativos para esta população. Não estudam,

e nutrem desconfiança e crítica em relação aos estudos formais; defendem um modelo de Igreja Católica referenciado, em grande parte, no período pré-concílio Vaticano II, assim como uma teologia e devoção católica mais tradicional, mesmo tridentina. Paradoxalmente a isto, apresentam traços bastante contemporâneos e juvenis ao exprimir a fé, através de danças, teatros, músicas em estilo gospel e no uso dos meios de comunicação. A Toca de Assis entende ter a missão de zelar pela pureza doutrinária e litúrgica da Igreja, e pela santidade do clero e dos fiéis, e, para tanto, empreende, através de orações e rituais, uma “batalha espiritual” em defesa do modelo de Igreja que idealiza.

A organização surgiu em 1994, em Campinas, fundada pelo Pe. Roberto Lettieri, ex-stigmatino. O contexto é o de transição de modelos eclesiais e teológicos a figurar como hegemônicos na Igreja. Ou seja, uma época em que, de certa forma, se esboçava a transição de uma Igreja que assimilara bem as diretrizes do Concílio Vaticano II e que fizera, no Brasil, uma opção preferencial pelos pobres, muito ligada à Teologia da Libertação; para uma Igreja que cada vez mais ia assumindo um rosto mais reservado em relação às aberturas possibilitadas pelo Concílio e às opções teológicas e eclesiológicas até aquela data. A partir de tal contexto, também aumentava significativamente a influência da Renovação Carismática Católica (RCC), com as posturas que lhe são peculiares. Enfim, uma Igreja que, tanto no plano eclesiológico-teológico como no plano da representatividade de seu episcopado, clero e vocações, caminhava para a restauração de algumas características que haviam sido colocadas em segundo plano; entretanto também caminhava para ter um rosto mais emocional e pentecostal (no sentido da valorização de certas interpretações sobre o Espírito Santo) a partir das influências da RCC e de movimentos nela inspirados ou dela nascidos. Outro contexto histórico e societário importante é o fortalecimento, na sociedade, de posturas se-

“As novas sensibilidades católicas, juvenis ou não, têm elementos novos e antigos, recuperados e reinventados”

cularizadas, laicistas, relativizantes e pós-modernas, que, por sua vez, começam a ser combatidas por atitudes e visão de mundo mais exclusivista e fechada por alguns setores da Igreja.

IHU On-Line - Como a Toca de Assis expressa as novas sensibilidades católicas juvenis? Por que a maioria de seus membros são jovens?

Rodrigo Portella - As novas sensibilidades católicas, juvenis ou não, têm elementos novos e antigos, recuperados e reinventados. Novas são as formas de relacionamento com o sagrado, através do viés da emoção, do êxtase conduzido por músicas de várias vertentes, desde axé, funk, hip-hop, rock, até melodias gospel de cultura pop. E, claro, a criação de bandas, com guitarras, baterias etc, para reproduzir a emoção que estes ritmos, batizados com letras cristãs, criam. Também danças, performance corporal, coreografias, teatros são usados como meio de exteriorização da fé e evangelização. Enfim, o catolicismo tem se servido da cultura “do mundo”, da sociedade secular, antes vista com desconfiança, e, no assimilar as expressões culturais à sua volta, as têm transformado, cristianizado. Todos os elementos que aqui citei estão presentes na Toca de Assis. Também o uso de tecnologia, Internet, YouTube, para sua visualização e comunicação. O consumo de camisetas, bonés e de todo tipo de lembrancinhas com a logomarca do movimento também é uma forma nova de espiritualidade, isto é, a espiritualidade que se nutre pelo consumo, pois que, ao consumir, as pessoas se sentem parte do movimento.

Porém as novas sensibilidades

também são antigas, ou seja, recuperam, às vezes em novas roupagens e expressões, elementos tradicionais do catolicismo, como a ênfase em jejuns, sacrifícios, adoração permanente à eucaristia e a reutilização de formas estéticas (como vestimentas) que remetem a um catolicismo que lembra o passado, também na linguagem e nas formas litúrgicas, algumas tridentinas.

O sacrifício pelo próximo (pela população em situação de rua) e a radicalidade dele, assim como outras posturas extremas (dependem só da providência divina, não estudar) também são sensibilidades do grupo. Além de certa veneração pelo fundador, o Pe. Roberto, tratado como um santo vivo. Tudo isto talvez possa também explicar a atração que a Toca de Assis exerce sobre os jovens: a figura de um grande pai (o Pe. Roberto); a possibilidade de usar os meios juvenis seculares para a expressão da fé; o idealismo de se voltar a um modelo de Igreja considerado como mais verdadeiro e que deve ser restaurado (atendendo, assim, a algumas características idealistas e contestadoras da juventude). Além de que, na Toca de Assis, o carinho, os toques, a expressão afetiva entre os toqueiros também são características de uma nova espiritualidade e de relacionamentos pautados no emotivo e afetivo, na configuração de uma nova família, não de sangue, mas espiritual.

IHU On-Line - De que forma a alegria e a emoção são características presentes na vida dos toqueiros?

Rodrigo Portella - A música, as danças e coreografias, os teatros, enfim, as expressões artísticas são meios de presentificar um viés emotivo na espiritualidade toqueira. Mas, para além destes meios artísticos e técnicos de missão e evangelização, os toqueiros costumam ter, entre eles, expressões de carinho e afetividade que não são comuns, por exemplo, nas congregações religiosas tradicionais. Beijos, abraços, afagos, cafunés, são alguns elementos afetivos partilhados entre eles, num típico gradiente juvenil de expressão de

afetividade. Certamente que a alegria e a convivência marcada por gestos de carinho estão muito presentes na Toca de Assis. Os Tocões (festivais regionais ou nacionais) da Toca de Assis também são canais desta expressão. Neles os shows musicais e as celebrações religiosas levam os toqueiros e os simpatizantes da Toca de Assis a momentos de intensa emoção. Como, por exemplo, na procissão eucarística, geralmente conduzida pelo Pe. Roberto, e que dura mais de uma hora. Em tal procissão, pessoas que são tocadas pelo padre caem (repouso no Espírito); outras gritam, choram; algumas buscam tocar o ostensório e as vestes do padre. Neste sentido a Toca de Assis se assemelha muito a outros movimentos de clara identificação com a RCC.

IHU On-Line - Por que há uma certa “desconfiança” em relação ao conhecimento acadêmico e ao estudo de um tipo particular de teologia dentro dessa comunidade?

Rodrigo Portella - A Toca de Assis, ainda que extraoficialmente, tem a tendência em proibir estudos formais aos seus membros. Alega-se, entre outras coisas, que, por ser uma fraternidade não clerical (apenas de irmãos e irmãs) o estudo seria desnecessário; que o estudo tiraria tempo para a vivência integral do carisma da organização, isto é, servir à população em situação de rua e a adoração perpétua aos elementos eucarísticos; que os estudos poderiam criar diferenças entre os irmãos e fomentar vaidades. Deve-se ressaltar, ainda, que os toqueiros, intentando viver completamente da divina providência, considerariam o estudo formal algo dentro das estruturas racionais, contradizendo, assim, uma vida de absoluta dependência do providencial. Quanto à teologia, em particular, não a desconsideram. Porém, têm uma grande suspeita em relação à teologia acadêmica, principalmente aquela mais influenciada por elementos conceituais das ciências humanas e sociais. Entendem que a teologia mais acadêmica estaria em contradição com a doutrina que con-

sideram tradicional na Igreja, vendo uma influência maléfica dos estudos acadêmicos na própria vida do clero, que teria cada vez mais uma visão crítica da Bíblia, das doutrinas católicas e da Igreja. A Toca de Assis não é contra a teologia, mas desconfia de certa instrumentalização nociva que teólogos e teólogas estariam realizando no seio da Igreja. E isto por influência do Diabo.

IHU On-Line - Como essa nova comunidade católica expressa a busca de uma sociedade mais ética, amorosa e menos consumista?

Rodrigo Portella - Não há propriamente um projeto neste sentido, mas um testemunho, racionalizado ou não. O fato dos toqueiros viverem uma dimensão muito radical de pobreza em suas vidas; e o fato de exercerem uma profunda solidariedade para com as pessoas em situação de rua, ainda que com alguns

“Certamente que a alegria e a convivência marcada por gestos de carinho estão muito presentes na Toca de Assis”

traços assistencialistas, mostra uma direção de vida bastante diferente dos rumos que costumam ser normativos e ansiados pela maior parte das pessoas, ou seja, de crescimento econômico pessoal e de usufruir prazeres e consumos. Não deixa de ser, a Toca de Assis, um movimento contracultural, pois que contrasta visceralmente com o estilo de vida e ambições sociais que circulam como desejáveis na sociedade contemporânea, ao menos para a maior parte das pessoas. Ainda que timidamente, a Toca de Assis vem buscando, também, re-inserir a população que atende à vida social regular. Contudo, a maior parte de seu trabalho é

paliativo, de acolhimento desta população e de serviços básicos a ela, visando dar um mínimo de dignidade às pessoas em situação de rua.

IHU On-Line - Em que medida a Toca de Assis representa a renúncia e o altruísmo de seus participantes? Há laivos de contracultura no seu cotidiano?

Rodrigo Portella - Sim, existem aspectos contraculturais na Toca de Assis, em sua renúncia ao estudo (cada vez mais valorizado na sociedade atual), ao trabalho formal remunerado, ao conforto, e na assimilação de posturas de sacrifício do corpo e da alma, tanto no serviço à população em situação de rua como em expressões de fé e pobreza bem particulares, como dormir no chão e ficarem, os toqueiros, por três horas seguidas, a cada dia, ajoelhados diretamente no chão para a adoração ao santíssimo sacramento, particularmente no ritual da *Passio Domini*. Por outro lado, os toqueiros não renunciam a certos elementos em voga na sociedade contemporânea, principalmente no meio juvenil, como o poder ter acesso a CDs gospel, filmes e programas televisivos de redes católicas; ir a shows católicos e produzi-los; acessar a Internet em suas várias fermentas etc.

IHU On-Line - Por que considera que os jovens toqueiros “são, talvez, os mais modernos da modernidade”?

Rodrigo Portella - Há, na Toca de Assis e por parte de seus adeptos, uma escolha, em princípio bem consciente, em viver uma vida pautada na diferença. E escolhas reflexivas são um elemento da modernidade. Os jovens da Toca de Assis não são constrangidos a romper com a sociedade dominante e desviar-se de seus valores. O constrangimento e pressões são justamente no sentido contrário. Gozar a vida, cuidar da saúde e boa forma do corpo, aparecer em *flashes* são os sinais da cultura dominante. Portanto, mais do que um jovem que frequenta bares, cursa universidade e adere às modas sociais, podemos dizer que jovens como os toqueiros, estes sim, ao tomar um rumo tão

“Os jovens da Toca de Assis não são constrangidos a romper com a sociedade dominante e desviar-se de seus valores. O constrangimento e pressões são justamente no sentido contrário. Gozar a vida, cuidar da saúde e boa forma do corpo, aparecer em flashes são os sinais da cultura dominante”

díspar do convencionalizado como “normal” pela sociedade, é que fazem uma verdadeira opção. Opção não está, em princípio, na aderência aos rumos convencionalizados pela sociedade. Neste caso, há uma inserção natural que é, de certa forma, a falta do optar, do decidir outros rumos. Jovens que entram na Toca de Assis são, talvez, os mais modernos jovens da modernidade, no sentido de que usam da reflexividade do juízo e da opção para encarnar um modelo de vida altamente diferenciado do normatizado socialmente e altamente reflexivo, enquanto escolha justificada em contraste com certos modelos de sociedade e mesmo de Igreja. É certamente uma independência e autonomia de opção bastante aguda. Nesta autonomia, reinventam certo modelo de Igreja. Neste sentido são modernos, pois rompem certos atavismos sociais e mesmo eclesiais e reflexivamente criam e recriam certos modelos de vida que, em parte, são altamente diferenciados.

IHU On-Line - Qual é a ligação entre medievais e pós-modernos na perspectiva da Toca de Assis? De que formas a Toca reedita o movimento franciscano inicial?

Rodrigo Portella - A Toca de Assis apresenta expressões religiosas que acessam memórias e elementos religiosos pré-modernos, através de sensibilidades modernas e pós-modernas, em configurações por vezes paradoxais. Busca uma totalização católica, ou um dossel sagrado, que protege e nominiza vidas e mundo

na modernidade reflexiva da sociedade de risco, ainda que através de reflexividade e escolhas que comportam, elas mesmas, risco. A estrutura encantada de anjos e demônios; de uma espiritualidade de luta celestial entre Deus e o Diabo na disputa da alma de sacerdotes e fiéis; de vestimentas e tonsuras que remetem à Idade Média, assim como de costumes, devoções e liturgias tridentinas ou medievais; o conceito exclusivista e pouco ou nada ecumênico na interpretação sobre a Igreja Católica pode apontar para um viés pré-moderno. Porém, numa sociedade e Igreja inseridas na modernidade, ao menos até certo ponto, o fato de pessoas voltarem, defenderem e propagarem um estilo de vida que tem uma identificação maior com determinado modelo de passado não deixa de ser uma atitude pós-moderna, de reinvenção subjetiva de algo buscado num passado ideal e primitivo. O querer reviver certo ethos social e eclesial a partir da visão ou revelação pessoal de um padre sobre como deve ser a verdadeira Igreja “de sempre” não deixa de ser uma forma pós-moderna de sensibilidade religiosa. A Toca de Assis, a meu ver, é uma simbiose paradoxal de elementos e posturas pré-modernas, modernas e pós-modernas.

Quanto a reeditar o franciscanismo inicial, certamente que este é um dos objetivos da Toca de Assis. Porém o faz de forma mimética, copiando o medieval, até certo ponto, e o trazendo para o mundo de hoje. A percepção toqueira é a de que a

tradição é algo estático, perene, sem mudanças. Neste sentido não se percebe que a tradição pode ser dinâmica e contextual. Assim, procura-se imitar, ao menos em relação a certos elementos, como roupas, tonsura, o andar descalço, a pobreza extrema e o cuidado à população em situação de rua (os “leprosos” de hoje?) um ideal de franciscanismo que deve ser repetido, hoje, com a máxima fidelidade possível em relação àquele das origens e de seu contexto específico.

IHU On-Line - Como podemos compreender o crescimento desse tipo de comunidade dentro da tradição da Igreja Católica?

Rodrigo Portella - Penso que comunidades como a da Toca de Assis são respostas às demandas de sentido, segurança e de identidade que uma sociedade, incluso Igreja, cada vez mais aberta e plural colocam para certas pessoas e grupos. O pluralismo atual, inclusive no interior da Igreja, pode representar, para muitas pessoas, certa anomia, ausência de rumos e identidades seguras, causando uma crise cognitiva e ontológica, por assim dizer. Portanto, o suposto retorno às identidades e modelos institucionais rígidos, exclusivistas, e a belicosidade no concebê-los em sua relação com o mundo plural são sintomas da busca por um mundo, e Igreja, seguros. Por outro lado, vemos que esta busca não é tão inflexível assim, ao adotar elementos societários hodiernos, desde que batizados com um rosto católico. O apelo social da Toca de Assis talvez seja, no gradiente das novas comunidades, o que mais a torna singular. Isto pode apontar para o fato de que, particularmente os jovens, ou alguns jovens, entendem que o compromisso com Jesus os leva, necessariamente, ao encontro dos mais pobres. Contudo, no caso das novas comunidades, e da Toca de Assis em particular, este encontro com os mais pobres se dá em perspectiva bem distinta da opção pelos pobres ensaiada pela Igreja latino-americana nas últimas décadas.

O catolicismo *new age* e o Tarô dos Santos

Emerson José Sena da Silveira identifica que grande parte da expansão de novos modos do ser e estar religiosos são simultâneos à produção de novos arcabouços teóricos da compreensão do cenário religioso do fim de século

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

O catolicismo *new age* pode ser definido, segundo o professor Emerson Sena, como um “tipo-ideal, no estilo weberiano, para expressar as múltiplas formas de combinação de religiosidade encontradas na pesquisa sobre o catolicismo carismático e suas interconexões com o mundo da mídia e do consumo”. Ele entende que, “até mesmo em torno dos ressurgimentos de tradicionalismo no catolicismo, é possível encontrar o grande traço da modernidade, radicalizado na pós-modernidade: a opção e a escolha a partir do indivíduo. Nesse sentido, escolhe-se a tradição, opta-se por ela, porque se convenceu de que ela é A opção (a verdadeira para alguns, mas até quando? Até a próxima experiência? Ou sendo ela A verdadeira, ela é ressignificada ao longo das vivências do sujeito?) entre as diversas disponíveis”. Assim sendo, continua Emerson, na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**, “o catolicismo *new age* é uma prática, uma forma de navegar socialmente entre diversos sistemas simbólicos (com seus mitos, rituais e modelos), desterritorializando e reterritorializando elementos desses sistemas a partir da trajetória pessoal”.

Emerson José Sena da Silveira é graduado em Ciências Sociais, além de mestre e doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, onde também realizou o pós-doutorado em Antropologia, subárea Antropologia Urbana. Atualmente, leciona na Faculdade Machado Sobrinho - FMS, e no Instituto Sudeste Mineiro - Faculdade do Sudeste Mineiro - ISMEC / FACSUM, ambas localizadas em Juiz de Fora, MG. É autor de, entre outros, *Corpo, emoção e rito: antropologia dos carismáticos católicos* (Porto Alegre: Armazém Digital, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é o catolicismo *new age*?

Emerson José Sena da Silveira - Seria um tipo-ideal, no estilo weberiano, para expressar as múltiplas formas de combinação de religiosidade encontradas na pesquisa sobre o catolicismo carismático e suas interconexões com o mundo da mídia e do consumo. A erosão das condutas pautadas em regras e normas e nos grandes relatos ou narrativas emanados da religião acelerou o trânsito religioso entre as diversas religiosidades e dentro das próprias tradições religiosas. Ao mesmo tempo, a velocidade com que as pessoas experimentam ritos, valores, verdades e ideias aumentou. Essa experimentação, que pode redundar, ou não, em conversão para dentro da própria tradição religiosa, não pode ser pensada como uma trajetória absolutamente solitária e individual. No caso da pes-

quisa realizada e publicada como um capítulo no livro *Novas Comunidades Católicas*, sobre uma católica, ministra extraordinária da eucaristia, frequentadora de grupos da RCC, leitora de um tarô católico (baralho de cartas com figuras e símbolos para fins divinatórios, baseado na vida dos santos e em passagens católicas), constata-se que não é possível desconsiderar a rede de relações em que os atores estão imersos. Essas redes são complexas e abarcam diversos setores da vida, se cruzam e produzem nódulos semânticos, de significado e de identidade.

Por essas redes, os atores se movem, reconfiguram suas identidades, desamarradas das normas institucionalizadoras da tradição religiosa, ao mesmo tempo em que elementos da tradição são amarrados à trajetória individual. O sociólogo Anthony Giddens¹⁰ afirma que vivemos num mundo pós-tradicional, no sentido em que até mesmo a tradição precisa justificar-se como escolha. A Tradição deixa de ser Tradição e passa a ser tradição (jogo com letra maiúscula e minúscula). Em outras palavras, ela não é mais natural e espontânea, mas precisa se lançar nas redes do consumo e da mídia para se tornar pertinente e plausível aos indivíduos, precisa se tornar um hori-

dens¹ afirma que vivemos num mundo pós-tradicional, no sentido em que até mesmo a tradição precisa justificar-se como escolha. A Tradição deixa de ser Tradição e passa a ser tradição (jogo com letra maiúscula e minúscula). Em outras palavras, ela não é mais natural e espontânea, mas precisa se lançar nas redes do consumo e da mídia para se tornar pertinente e plausível aos indivíduos, precisa se tornar um hori-

¹⁰ Anthony Giddens: sociólogo inglês, foi diretor da “London School of Economics and Political Science” (LSE). É autor de 34 obras, publicadas em 29 línguas, e de inúmeros artigos. Em 1985 foi co-fundador da “Academic Publishing House Polity Press”. É também conhecido como o mentor da ideia da Terceira Via. Entre suas obras publicadas em português citamos *As Consequências da Modernidade* (Oeiras: Celta, 1992); *Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber* (Lisboa: Editorial Presença, 1994); *Transformações da Intimidade - Sexualidade, Amor, e Erotismo nas Sociedades Modernas* (Oeiras: Celta Editora, 1996). (Nota da IHU On-Line)

zonte de sentido nas pequenas narrativas individuais, em meio à colisão e à interação entre as diversas esferas de valor: mídia, política, religião, arte e consumo. Em alguns casos, precisa competir com outros relatos da tradição, como no caso do catolicismo. Até mesmo em torno dos ressurgimentos de tradicionalismo no catolicismo, é possível encontrar o grande traço da modernidade, radicalizado na pós-modernidade: a opção e a escolha a partir do indivíduo. Nesse sentido, escolhe-se a tradição, opta-se por ela, por que se convenceu de que ela é A opção (a verdadeira para alguns, mas até quando? Até a próxima experiência? Ou sendo ela A verdadeira, ela é resignificada ao longo das vivências do sujeito?) entre as diversas disponíveis. O catolicismo *new age* é uma prática, uma forma de navegar socialmente entre diversos sistemas simbólicos (com seus mitos, rituais e modelos), desterritorializando e reterritorializando elementos desses sistemas, a partir da trajetória pessoal. No caso da pesquisa, tanto a leitora quanto o livro de tarô produzem combinações, hibridação, para usar um termo de Nestor Canclini,² em que dogma, tradição e significado estão e são desconectados para serem recompostos e resignificados novamente em torno de outros eixos: o autoconhecimento, a busca da felicidade, a busca da verdade e da autorrealização como ação humana, da qual irrompe a transcendência do sagrado (selvagem e nômade) por meio dos símbolos religiosos.

IHU On-Line - Sob quais aspectos esse tipo de catolicismo é uma expressão da apropriação da simbologia religiosa pela cultura de consumo?

Emerson José Sena da Silveira - Aqui, diria que há um caminho duplo, tenso, com movimentos circulares e pontos de fuga, ou seja, em que tanto o mercado quanto a Igreja não conseguem prever e regular as condutas e as experimentações que decorrem da dupla relação entre religião, mídia e consumo. Nessa dupla relação, a tra-

² Nestor Canclini: sociólogo argentino, autor de, entre outros *A produção simbólica: teoria e metodologia em sociologia da arte* (o de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979) (Nota da IHU On-Line)

dição religiosa (re)apropria-se do *marketing*, da mídia e do consumo, bem como o consumo (re)apropria-se dos elementos simbólicos da religiosidade católica, e, no caso analisado, da tradição esotérica. Nesse sentido, há tensões, pois do lado da tradição, a partir da visão institucional da Igreja, trata-se de usar novos meios de comunicação e consumo para divulgar as verdades da fé. Porém, do lado do consumo, trata-se de mais uma opção no mercado religioso, tão competitivo e concorrido. Ontologia, por um lado, metáfora, por outro.

Houve a ruptura entre a moral religiosa, o comportamento social e o mundo da cultura, operada pela modernidade, compreendida como a força secularizante e demitificadora. Tal rompimento se dá em vários níveis,

“Tanto o mercado quanto a igreja não conseguem prever e regular as condutas e as experimentações que decorrem da dupla relação entre religião, mídia e consumo”

com destaque para o da linguagem simbólica e o do comportamento institucional; por um lado, desvincula-se a sacralidade, produzida pela religião, de imagens e símbolos coletivos e individualmente experimentada nas sociedades; e, por outro lado, retira-se da Igreja e instituições religiosas o poder de normalização do comportamento social coletivo. A partir das décadas de 1960 e 1970, multiplicaram-se fenômenos “neo-religiosos”, como o surgimento de seitas e de religiosidades multifacetadas (a *New Age*), a ressurgência de novos estilos de vida e de crença em religiões tradicionais (catolicismo com o carismatismo) e o protestantismo (com o neo-pente-

costalismo ou pós-pentecostalismo). Tais fenômenos impuseram, às teorias secularizantes, uma reavaliação, afetando também as teorias da modernidade, segundo Martelli. Grande parte da expansão de novos modos do ser e estar religiosos são simultâneos à produção de novos arcabouços teóricos da compreensão do cenário religioso do fim de século. Esta simultaneidade relaciona-se ao modo de consumo estabelecido na sociedade moderna ocidental. O consumo torna-se “estilo”, identidade individual e coletiva. As imagens e símbolos associados à religiosidade católica passam, então, a irromper da própria modernidade, ou seja, a religião assume modos de ser que a fazem ser concebida como moderna e pós-moderna, particularmente a partir de dois elementos: a decisão e escolha pessoais e o *marketing* aplicado ao conteúdo religioso de Igrejas e de credos. Cresce o número de livros e editoras que publicam temáticas religiosas e próximas à religião (o gênero da auto-ajuda), bem como os produtos de consumo religioso católico, em que os nódulos semânticos apontam para a confluência de híbridos.

IHU On-Line - Pensando na realidade brasileira, o que o tarô católico de Place revela sob o sincretismo religioso?

Emerson José Sena da Silveira - O Tarô católico de Place³ revela as direções de (re)apropriações, ressimbolizações e diálogos interculturais entre a grande tradição católica e as poderosas forças de *marketing*, consumo e mídia. A leitura do “Tarô dos Santos” estabelece um jogo de captação, adivinhação, decifração ou conjetura, o que exige uma posição interrogativa e ativa do sujeito, uma atitude de antecipação a partir da perspectiva de um aumento de ritmo de apreensão. Porém, na atual contemporaneidade da relação entre sociedade e religião, deixa-se entrever um sentido oposto: a religião irrompe dentro das próprias formas e linguagens da modernidade. Daí a polêmica: será a atual configuração da religião o resultado de um

³ Robert M. Place (1947): artista e autor de *Tarô dos santos* (2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003). (Nota da IHU On-Line)

avanço da secularização ou ressurgência da religião? Mas, essa própria forma de perguntar é ainda uma forma de separar as fronteiras em traços cartesianos e modernos, uma forma recusada pelo pensamento pós-moderno. Talvez uma saída do impasse esteja no uso do conceito de reflexividade (GIDDENS, 1991). A reflexividade pode ser entendida como trabalho de auto-salvação, (nova gramática), portanto, uma moderna gnose na qual a força principal é o processo, empreendido pelo sujeito, de pensar e repensar sua trajetória, adesões, imagens e significados. Por outro lado, a reflexividade entendida como um “trabalho gnóstico” faz perceber que a penetração do gnosticismo na cultura ocidental se intensifica a partir do surgimento e expansão da escrita, constituindo-se, esta prática, em um lócus privilegiado da reflexividade. A imprensa torna o texto legível aos olhos, dispondo-o segundo uma lógica não mais auditiva, mas, sobretudo visual, eleita pela modernidade como o foco da produção cultural (*marketing*, consumo e estética). Isso faz a leitura transitar de um espaço exterior e público, portanto de um ato coletivo, para um espaço interior, por conseguinte, um ato privado, com a emergência do individualismo burguês.

IHU On-Line - Quais foram as principais conclusões a que chegou com sua pesquisa sobre o livro *Tarô dos Santos*, de Robert Place?

Emerson José Sena da Silveira - O livro *Tarô dos Santos* impôs um estranhamento de imediato. Algumas indagações surgiram: trata-se de uma identidade cristã-católica associada a um instrumento (Tarô) de adivinhação e “iluminação” tido como elemento esotérico e ligado a *New Age*? Ou, então, uma simples justaposição de símbolos cristãos e esotéricos? Ou ainda, uma “heresia” pós-moderna no cenário católico? E, por que, entre seus leitores, existem ministros da Eucaristia participantes da Renovação Carismática Católica, que leem Tarô? (nova gramática). A partir dessas questões, percebeu-se que o resultado do intercruzamento entre distintas redes

simbólicas e sociais são nódulos inscritos na trajetória da leitora, ministra da eucaristia e frequentadora de grupos carismáticos, era a produção do catolicismo *new age*. Por isso, a partir do estranhamento e da forma como o livro é apresentado, analisou-se a relação entre a tradição, expressa nas grandes narrativas religiosas acionadas pelo discurso do autor do referido livro, e as fronteiras identitárias, expressas na estética do Tarô e do modo como é lido e interpretado.

A criação e a divulgação do “Tarô dos Santos” têm dois movimentos. O primeiro é a eticização (norma de comportamento) de temas gnósticos. De acordo com a gnose, o pneuma é

**“Houve a ruptura
entre a moral religiosa,
o comportamento social
e o mundo da cultura,
operada pela
modernidade,
compreendida como
a força secularizante
e demitificadora”**

uma centelha luminosa reavivada pela Revelação, uma ideia que corresponde à noção cristã de um espírito divino conferido ao batizado. O apóstolo Paulo, crítico dos Coríntios de tendência gnóstica, “moralizou a significação da ‘centelha divina’ ou pneuma, ou seja, o pneuma não atua como força mágica, e sim como norma de comportamento”. O segundo movimento seria a dispersão do significado, com o ressurgimento da busca pelo sentido a partir do “re-encantamento” do mundo. Por outro lado, pode ser sugerido um terceiro movimento: a comutação entre fronteiras e significados. Otávio Velho,⁴ partindo da reflexão antropo-

⁴ Otávio Velho: antropólogo, especialista na relação entre religião e política. Trabalha no

lógica, coloca a gnose e seus desdobramentos no arcabouço cultural da modernidade, e na teoria do conhecimento ou epistemologia, como uma performance dialógica que permite um trânsito entre distintas fronteiras. Atravessando essas questões, é preciso lembrar a tensão entre a leitura como ato e atitude individual e escrita (baseada no *graphein*), que seria uma experiência moderna inscrita na história a partir do século XIX; e a leitura como um ato e atitude coletiva e oral (baseada no *phonon*), polifonia de vozes coletivas, cujo referencial histórico pode ser identificado na Idade Média. A modernidade, portanto, impôs, sobretudo, um olhar que codifica os corpos, a oralidade e a simbologia, reduzindo-os a simples objetos de observação. Esse dispositivo exegético da modernidade é o contraponto ao dispositivo exegético existente antes da “revolução da leitura”, na Idade Média, segundo Burke.⁵ No dispositivo medieval, o leitor era um ator, que, através da internalização do texto, encarnava o Outro.

Na proposta de Place, agrega-se tanto a polifonia do(s) outro(s), que as imagens do Tarô evocam, quanto a busca individualizada. Esses “outros” seriam, entre as múltiplas possibilidades, os santos e santas, portanto, a própria tradição católica, fornecedores de uma chave interpretativa ao alcance de leitor médio, religiosamente flutuante ou firmemente ancorado em determinada religiosidade.

A visão, poderosa “divindade” moderna, operou um deslocamento da linearidade temporal da fala para a espacialização da escrita. Como uma espécie de superfície, a escrita permite o retorno e a repetição da leitura. Daí a possibilidade de criação de percursos individualizados de leitura, portanto, modernos. O Tarô dos Santos constitui, assim, um híbrido entre tradições

Museu Nacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). (Nota da IHU On-Line)

⁵ Peter Burke (1937): historiador inglês. Doutorado na Universidade de Oxford (1957 a 1962), foi professor de História das Idéias na School of European Studies da Universidade de Essex, por dezesseis anos professor na Universidade de Sussex (1962) e professor da Universidade de Princeton (1967); atualmente é professor emérito da Universidade de Cambridge (1979). (Nota da IHU On-Line)

(cristã e gnóstica, por exemplo) separadas por fronteiras canônicas ao nível da instituição, mas submetidas a interpretações de sujeitos descentrados. O dispositivo moderno de dicotomizar é substituído pelo dispositivo holístico de fundir, num mesmo espaço e tempo, substâncias inconciliáveis. A substituição desse dispositivo moderno é feita na prática da literacia (modo de interpretação), distinta dos processos técnicos de alfabetização. A literacia implica, para além da aquisição de técnicas de apreensão do texto, um “modo de estar em sociedade”, que é, acima de tudo, uma via para a compreensão do mundo e da ordem das coisas.

O deslizamento da *phonè* (som) para o *grafein* (grafia) inaugurou uma nova possibilidade de entendimento do discurso escrito, dentro do qual, paradoxalmente, a leitura só é possível se a letra perde a sua visibilidade. A materialidade do *grafein* desmaterializa-se, e é essa a sua condição de legibilidade. A legibilidade seria construída a partir da crença na legitimidade dos símbolos e na articulação destes ao entendimento ou a previsão de eventos e acontecimentos passados, presentes ou futuros.

Na modernidade, a condição de legível restringe-se a determinados atributos do discurso. Neste contexto (entre o século XIX e início do século XX), a “racionalidade objetificante”, um dos atributos do discurso considerado intelectualmente legível, colocou as igrejas cristãs num paradoxo: ao mesmo tempo em que ocorre um processo de desmitificação (por exemplo, as investigações do Vaticano II sobre os santos para retirar todo o mito do “corpus” da fé), a própria religiosidade é vista (pela modernidade) como uma forma ultrapassada, ou a ser superada, de ler (legibilidade) o mundo e suas relações.

No baralho do Tarô dos Santos, o código visual e o código escrito se imbricam e exercem uma influência mútua, mediada pela leitura e pelos leitores, como no caso da leitora analisada e entrevistada. No código escrito, se inscreve a memória dos significados que os especialistas, ou tarólogos, e os leitores atribuem às cartas e que se tornam ‘grandes narrativas’, abarca-

“O Tarô dos Santos constitui, assim, um híbrido entre tradições (cristã e gnóstica, por exemplo) separadas por fronteiras canônicas ao nível da instituição, mas submetidas a interpretações de sujeitos descentrados”

doras de comportamentos e atitudes. Essa memória é criada e acessada pela postura reflexiva do escritor e dos leitores. Por outro lado, a reflexividade, entendida como um trabalho gnóstico, ajuda a perceber um fato: a penetração do gnosticismo se deu a partir do surgimento e expansão da escrita, constituindo a leitura individual, um lócus privilegiado de reflexividade. Com isso, o indivíduo articula imagem e letra, realiza a resignificação da própria vida, expressa um processo sincrônico e diacrônico, hibridiza as fronteiras identitárias e falseia a atribuição inequívoca e unívoca de identificação religiosa. Por isso, a leitora analisada não vê descontinuidades entre o tarô, sua vida pastoral católica e sua vida pessoal. Dessa forma, a “literacia”, feita pela leitora (e o próprio livro), impõe um deslizamento de significados/símbolos/significantes e forma um híbrido entre a tradição esotérica e a tradição católica, deslizamento do qual nem a RCC escapa.

IHU On-Line - Em que medida as aproximações entre fé e misticismo são comuns nas novas comunidades católicas? Por quê?

Emerson José Sena da Silveira - O misticismo, com a ideia de contato íntimo e direto com Deus, por meio de experiências de fé, experiências da ação direta de Deus no mundo e na pessoa, em seu interior e em suas es-

colhas, percebe-se a ressurgência de uma forma e um estilo de religiosidade, justamente o que privilegia o contato com o sagrado, a partir de uma experiência emocional. Mas aí, se impõe um cuidado com os conceitos. Alguns podem dizer: mas essas comunidades também possuem um elemento ascético, mas cuja radicalização pode instituir um veio místico.

Radicalização dos jejuns, e outros exercícios, por exemplo. Nesse sentido, o mundo é reencantado, já que nessas comunidades católicas, a própria noção de que o sagrado está pronto a irromper nos poros mínimos do cotidiano, do trabalho, das pequenas relações monótonas do dia-a-dia. Porém, elas acabam entrando no circuito da produção e do consumo de produtos e serviços que tentam cotidianizar a religiosidade católica, como é o caso da comunidade Canção Nova, sediada em Cachoeira Paulista. A entrada nesse circuito, impõe uma (re)apropriação dos instrumentos de comunicação e *marketing*, hiperdesenvolvidos na modernidade tardia ou alta modernidade, segundo expressão de Giddens. Porém, a entrada nesse circuito não restabelece o controle e o primado do dogma e da tradição sobre o comportamento individual. Ao contrário, abrem-se cada vez mais linhas de fuga (para usar um conceito de Deleuze⁶ e Guatarri),⁷ pontos de força centrífuga, acelerando as hibridações em nível microsocial, que, por sua vez, interagem com o nível macrosocial, onde estão situadas a própria tradição e a instituição que dela se diz guardiã.

⁶ Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bérson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou idéias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Pierre-Félix Guattari (1930-1992): filósofo e militante revolucionário francês. Colaborou durante muitos anos com Gilles Deleuze, escrevendo com este, entre outros, os livros *Anti-Édipo*, *Capitalismo e Esquizofrenia* e *O que é Filosofia?*. Félix Guattari, dotado de um estilo literário incomparável, é, de longe, um dos maiores inventores conceituais do final do século XX. Esquizoanálise, transversalidade, ecosofia, caosmose, entre outros, são alguns dos conceitos criados e desenvolvidos pelo autor. (Nota da IHU On-Line)

Uma reflexividade comunitária e laica

José Rogério Lopes cita exemplos que mostram que uma das maneiras de perceber e compreender os registros de crise ou mudança vivida hoje nas sociedades, local ou globalmente, passa pelo estudo das religiões

POR GRAZIELA WOLFART

A devoção dos fiéis membros das novas comunidades católicas é, segundo o professor José Rogério Lopes, “basicamente mariana, ou em torno de alguns modelos de santidade com uma forte marca de espiritualidade e transcendência, como São Francisco de Assis. Essa marca devocional (creio que alguns carismáticos mais fervorosos evitariam esse termo) acentua um registro de eticidade religiosa quase indissociável da leitura e consciência da realidade social”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à IHU On-Line, Lopes defende que “o desenvolvimento dos carismáticos, no Catolicismo, e das Igrejas Neopentecostais seguem orientações, modelos de agregação e organização de fiéis e da vida religiosa distintos”. Além disso, continua ele, “essas comunidades carismáticas seguem uma dinâmica laica, como já falei, enquanto os neopentecostais seguem uma dinâmica institucional bem definida”.

José Rogério Lopes possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Taubaté, e mestrado e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Atualmente, é professor titular no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unisinos. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana e em Políticas Públicas, atuando principalmente nos seguintes temas: identidade, imagética religiosa, devoções populares, pobreza, processos de exclusão e cidadania. Confirma a entrevista.

IHU On-Line - Do ponto de vista antropológico, como entender o crescimento das novas comunidades católicas, como a RCC, a Canção Nova e a Toca de Assis, por exemplo?

José Rogério Lopes - Temos aqui experiências que se originaram e desenvolveram a partir da emergência e incorporação de uma espiritualidade pentecostal no catolicismo, mas que operam por princípios diferentes de agregação. Enquanto a Renovação Carismática se organiza no Brasil desde a década de 1980, instalando a comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista (SP), as comunidades de aliança e vida no Espírito Santo, como a Toca de Assis, por exemplo, surge dos grupos de oração carismáticos, em finais da década de 1990.

Os estudos antropológicos, da década de 1980 até meados da de 1990, investigaram, descreveram e interpretaram a emergência dessas comunidades como práticas e representações que

convergiam para expressões religiosas contraditórias à orientação católica, seja em sua concepção litúrgica, seja em seu campo cultural de manifestações. Tais expressões contraditórias seriam resgates de vivências espirituais mais individualistas, ou desvios do modelo de orientação espiritual mais centrado em uma preocupação social, como era práxis da Igreja, naquela época. Da década de 1990 até agora, alguns antropólogos, como Thomas Csordas¹ (EUA) e Martine Cohen (França), buscam superar essa contradição, apontando para a necessidade de investigar tais comunidades como vivências espirituais que modificam a

¹ Thomas Csordas: antropólogo americano, autor de diversas obras, entre elas *The Sacred Self: a cultural phenomenology of charismatic healing* (Berkeley/Los Angeles/London: University of California, 1994), *Embodiment and experience: the existential ground of culture and self* (New York, Cambridge University, 1997) e *Language, Charisma, and Creativity: the ritual life of a religious movement* (Berkeley/Los Angeles/London: University of California, 1997). (Nota da IHU On-Line)

percepção coletiva do sagrado, de um absoluto exterior, para uma percepção que se manifesta como corporeidade, por exemplo, entre carismáticos no Brasil, nos Estados Unidos, na França e na África, ou ressignifica ciclos de vida, como entre os jovens da Toca de Assis ou de outras comunidades de vida no Espírito Santo.

IHU On-Line - Podemos estabelecer alguma relação entre as características da sociedade contemporânea e o aumento pela procura das novas comunidades católicas?

José Rogério Lopes - É possível estabelecer várias correspondências. Alguns cientistas sociais têm destacado as homologias entre a difusão da ideologia individualista e a difusão dos carismáticos; outros têm buscado investigar essa difusão em correspondência com as concepções comunitaristas que ressurgem no presente; pesquisadores do Rio Grande do Sul, em análises con-

juntas com pesquisadores argentinos e franceses, entre outros, buscam analisar os processos de transnacionalização das religiões, que se caracterizam pelos fluxos e redes estabelecidas por essas comunidades, ou seus líderes religiosos, entre diversos países; pesquisadores da religião, em universidades do Rio de Janeiro, têm discutido muito a apropriação dos recursos midiáticos nesse processo de difusão. Cientistas como Gilles Lipovetsky,² por exemplo, têm enfatizado o caráter de espetacularização que forma boa parte das manifestações e cultos religiosos, em semelhança com outras manifestações contemporâneas também espetacularizadas, na esteira de uma pretensa crise da solidariedade. Esses exemplos mostram que uma das maneiras de perceber e compreender os registros de crise ou mudança vivida hoje nas sociedades, local ou globalmente, passa pelo estudo das religiões.

IHU On-Line - Como se dá o processo de formação da identidade religiosa entre os membros das novas comunidades católicas? Que imagética religiosa eles buscam e constituem?

José Rogério Lopes - Esse processo se inicia, basicamente, nos encontros de jovens e nos grupos de oração carismáticos, desde as primeiras comunidades de aliança e vida no Espírito Santo, formadas no final da década de 1990, mas se desdobram de outras vivências religiosas no quadro do Catolicismo, como o Shalom e outros movimentos eclesiais com forte penetração dos carismáticos. Nessas comunidades, como já descreveu Cecília Mariz³ (UERJ), leigos decidem se reunir para se dedicar ao louvor, à adoração ao Santíssimo, à evangelização, à cura espiritual e às mais diversas obras sociais. No léxico

² Gilles Lipovetsky (1944): filósofo francês, professor de filosofia da Universidade de Grenoble, teórico da hipermodernidade, autor dos livros *A Era do Vazio*, *O Luxo eterno*, *O império do efêmero*, entre outros. Sobre o tema, confira a edição 105 da revista IHU On-Line, edição 105, de 14-06-2004, intitulada *Moda. Luxo. Uma sociedade cosmética*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158262259.25pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

³ Confira a entrevista com Cecília Mariz, nesta edição, intitulada "O ideário das novas comunidades é o ideário comunitário do cristianismo primitivo". (Nota da IHU On-Line)

“Não há como negar, porém, que a liturgia católica mudou bastante, nessas últimas décadas, influenciada pela demanda crescente de autonomia desses e outros grupos”

das comunidades, essas atividades são chamadas de “carismas”. Esses jovens buscam uma imagética religiosa de exemplos de virtuosismo religioso, que incorporam e vivenciam em suas comunidades.

IHU On-Line - As novas comunidades católicas contribuem para o exercício da fé e da espiritualidade com mais autonomia dentro da Igreja?

José Rogério Lopes - Comunidades de aliança e vida no Espírito Santo seguem uma dinâmica mais laica que institucional, como já apontou Cecília Mariz, em seus estudos. Nesse sentido, a resposta é sim. Por outro, há que se estudar a retroação dessas vivências no corpo institucional religioso do catolicismo e em suas orientações eclesiais, o que ainda não foi feito. Alguns antropólogos, como Carlos Steil⁴ (UFRGS), sugerem que essas vi-

⁴ Carlos Steil: filósofo e teólogo, doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com a tese *O Sertão das Romarias. Um estudo antropológico da Romaria de Bom Jesus da Lapa - Bahia* (Petrópolis: Vozes, 1996), e pós-doutor pela Universidade da Califórnia, San Diego, nos Estados Unidos. Docente no departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), organizou, entre outros, *Maria entre os vivos. Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil* (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003). É autor da edição 93 dos *Cadernos IHU Ideias*, intitulada *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro*, disponível para download em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1198264076.89pdf.pdf>. Confira, ainda, a entrevista *A modernidade fragmentou o campo religioso e fez emergir uma diversidade de religiões*, concedida por Steil à IHU On-Line 220, de 21-05-2007, disponível para download

vências apontam para uma saída do cristianismo. Então, o limite da ideia de autonomia é que está em jogo em relação com a Igreja. Não há como negar, porém, que a liturgia católica mudou bastante, nessas últimas décadas, influenciada pela demanda crescente de autonomia desses e outros grupos.

IHU On-Line - O que caracteriza a devoção dos membros das comunidades católicas? Como eles separam a consciência da realidade do ethos religioso?

José Rogério Lopes - Aqui, uma resposta bem objetiva, sem reducionismos: a devoção é basicamente mariana, ou em torno de alguns modelos de santidade com uma forte marca de espiritualidade e transcendência, como São Francisco de Assis. Essa marca devocional (creio que alguns carismáticos mais fervorosos evitariam esse termo) acentua um registro de eticidade religiosa quase indissociável da leitura e consciência da realidade social.

IHU On-Line - É possível estabelecer alguma relação entre as novas comunidades católicas e as igrejas neopentecostais?

José Rogério Lopes - A experiência da espiritualidade pentecostal, no catolicismo, tem origem entre grupos de universitários norte-americanos em contato com evangélicos pentecostais, mas tem um desenvolvimento diferente, sobretudo na elaboração teológica. Dessa forma, o desenvolvimento dos carismáticos, no Catolicismo, e das Igrejas Neopentecostais seguem orientações, modelos de agregação e organização de fiéis e da vida religiosa distintos. Além disso, essas comunidades carismáticas seguem uma dinâmica laica, como já falei, enquanto os neopentecostais seguem uma dinâmica institucional bem definida.

IHU On-Line - Qual a contribuição das novas comunidades católicas para a constituição do plural cenário religioso brasileiro?

José Rogério Lopes - As comunidades

em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=404. (Nota da IHU On-Line)

carismáticas, sobretudo, têm imprimido uma marca de diversificação ou descontinuidade no processo de configuração do pluralismo no campo religioso brasileiro. Esse pluralismo, em formação no Brasil desde a década de 1970, estava marcado por reptos regulares entre as denominações religiosas, explicitando a lógica concorrencial que marcou um período das religiões de conversão. No desdobramento desse processo, a contribuição maior dos carismáticos, talvez, esteja na dinâmica laica e instituinte que imprimiram ao caráter das vivências religiosas, no catolicismo. Nesse sentido, reforçam um pluralismo endógeno ao catolicismo, explicitando que toda hegemonia abafa diferenças e dissensos.

IHU On-Line - Como se dá o processo de produção de reflexividade na religiosidade contemporânea, principalmente no caso das novas comunidades católicas?

José Rogério Lopes - Diria que se trata de uma reflexividade comunitária e laica, apesar dos evidentes valores, práticas e representações religiosos que a sustentam. Nessa perspectiva de abordar o tema, explicita-se um caráter de deslocamento dos processos de reflexividade moderna, antes institucionais, para processos auto-organizados como os vividos nessas comunidades. Isso implica no desenvolvimento de capacidades de apropriação e negociação com influências exógenas às vivências religiosas. Eu tenho investigado esses processos, por exemplo, nas práticas e organizações devocionais do catolicismo popular, buscando compreender a apropriação que os devotos operam das tecnologias de registro audiovisual, para produzirem imagens religiosas que objetivam uma concepção de sagrado mais próxima de suas experiências coletivas.

LEIA MAIS...

>> José Rogério Lopes já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira o material na nossa página eletrônica.

• *Psicologia e Antropologia. Relações práticas.* Publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU, em 19-09-2006, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=157

A transformação da universidade num campo de missão a partir do conhecimento

Carlos Eduardo Procópio defende que a religião ajuda a produzir o mundo, como ajuda a produzir a universidade. E alerta, no entanto, que os Grupos de Oração Universitários (GOUs) estão em sintonia com a universidade, o que não significa que deem o tom

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Ao abordar a atuação dos jovens carismáticos nas universidades, Carlos Procópio fala sobre o papel (inclusive político) dos membros dos GOUs, que são grupos de oração e partilha, agregando jovens universitários que se reúnem semanalmente para cantar e rezar: “eles se envolvem com eleições para os diretórios acadêmicos, por exemplo. Aí, como outros grupos, tentam fazer valer seus interesses, sobretudo porque o DA é um importante instrumento de pressão no espaço público universitário. Além disso, o que acho mais curioso é a utopia que produzem. Tal como os comunistas, por exemplo, eles apontam para a conquista de uma sociedade melhor e fazem menção aos santos (heróis) como elemento motivador. Se os comunistas usam o manifesto comunista para ler a realidade, eles usam as encíclicas”. Ele fez essas e outras afirmações na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line.

Carlos Eduardo Procópio graduou-se em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde fez especialização e mestrado em Ciência da Religião e atualmente é aluno do doutorado em Ciências Sociais. Tem experiência na área de teoria antropológica e sociológica e metodologia quantitativa e qualitativa. Desenvolveu, em seu mestrado, um estudo sobre Grupos de Oração Universitários, e atualmente vem refletindo sobre as conexões/desconexões entre política e religião. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o contexto da inserção da Renovação Carismática Católica (RCC) nas universidades brasileiras?

Carlos Procópio - A inserção da RCC nas universidades se dá através dos Grupos de Oração Universitários (GOUs). O surgimento dos GOUs está relacionado a quatro eventos principais: a experiência pessoal de um de seus fundadores, que viu na universidade um campo para desenvolver um projeto missionário; a reestruturação das equipes da RCC, que deixaram

a universidade à deriva de outras secretarias do movimento e consequentemente mobilizando os jovens universitários para desenvolver um projeto específico para seu meio; a ênfase na gênese universitária da RCC, que serviu de justificativa para ressaltar que a universidade era importante para o movimento católico-carismático; e o apelo episcopal, em Santo Domingo, para que os católicos desenvolvessem campanhas de evangelização nas universidades, visando influir na formação de profissionais

e lideranças. Essas raízes, se olhadas atentamente, ajudam a explicar o desenvolvimento de parte das práticas desses GOUs. Enquanto a valorização da experiência de um dos seus fundadores e o resgate da importância da universidade para a RCC constroem uma consciência de unidade, fazendo com que os estudantes católicos carismáticos se mobilizem, visando a constituição de uma utopia cristã, a despreocupação da RCC, enquanto instância institucional, com o meio universitário e a convocação dos bispos latino-americanos para evangelizar esse meio levaram esses mesmos estudantes a implementarem ações no contexto universitário. Aqui há um sonho paralelo a um chamado, que mobilizaria a construção dos GOUs. A consciência de unidade visando à constituição da utopia cristã foi fruto de um duplo sonho: o de Mococa (um dos participantes dos GOUs e disseminador da ideia de uma evangelização universitária), que em oração vislumbrou a sua universidade (UFV) recoberta pelo evangelho; e aquele sonho seminal da própria RCC, em 1967, com os docentes e discentes de Duquesne (EUA), que quiseram divulgar a experiência pentecostal concebida na universidade. Soma-se a isso um chamado fruto da despreocupação da hierarquia da RCC com o meio universitário, quando da sua reestruturação na primeira metade da década de 1990, e a convocação dos bispos latino-americanos para evangelizar aquele meio. Esse ponto vai permitir uma relação incisiva dos carismáticos católicos com a universidade, tanto porque houve uma convocação por parte do episcopado quanto porque a universidade fora negligenciada pela RCC, sentindo os estudantes universitários católicos carismáticos a obrigação de se responsabilizarem pela evangelização do espaço onde conviviam.

IHU On-Line - Como se dá o movimento de transformação do campo de conhecimento em campo de missão?

Carlos Procópio - A meu ver, esse processo de transformação se daria a partir do momento em que a RCC consegue produzir uma ideia de universidade, articulando o tripé (política, ciência e trabalho) que consti-

tui uma universidade. A política é o espaço da militância propriamente dita. Conhecemos muitos grupos nas universidades voltados para a prática política. Com o GOU não é diferente. Eles se envolvem com eleições para os diretórios acadêmicos, por exemplo. Aí, como outros grupos, tentam fazer valer seus interesses, sobretudo porque o DA é um importante instrumento de pressão no espaço público universitário. Além disso, o que acho mais curioso é a utopia que produzem. Tal como os comunistas, por exemplo, eles apontam para a conquista de uma sociedade melhor e fazem menção aos santos (heróis) como elemento motivador. Se os comunistas usam o manifesto comunista para ler a realidade, eles usam as encíclicas. Em relação à ciência, como qualquer outro grupo na universidade, eles vão

**“Acredito na
possibilidade criativa
do ser humano, que
produz cotidianamente
seu mundo”**

construir seus argumentos balizados em estudos científicos com credibilidade no meio, para referendar qualquer perspectiva ligada ao aborto ou células-tronco embrionárias. São cientistas como qualquer outro e é isso que importa. Cultivam a prática científica e valorizam os estudos como meio para atingirem seus ideais. No que tange ao trabalho, eles enfatizam a ética como preponderante e passam a procurar atividades voltadas para o bem comum. Distanciam-se das práticas capitalistas atuais e procuram outros espaços de emprego como ONGs e comunidades de vida. Se conseguem um emprego em alguma corporação ou grande empresa, apontam que ali devem trabalhar de forma interessada e ética, visando ajudar o próximo. Nesse sentido, a universidade torna-se um campo de missão a partir do conhecimento.

IHU On-Line - O que são os GOUs e como acontece o seu surgimento?

Carlos Procópio - Os GOUs são grupos de oração e partilha, agregando jovens universitários que se reúnem semanalmente para cantar e rezar. São espaços onde são estabelecidos vínculos sociais duráveis ou não, servindo não só como espaço de evangelização, mas também de troca de experiências e resolução de problemas pessoais. Os primeiros GOUs surgiram na década de 1980, em Viçosa (MG) e Maringá (PR), crescendo mais incisivamente nas décadas seguintes. Hoje são quase 700 GOUs espalhados por todo Brasil. Eles surgiram da vontade de católicos carismáticos, ingressados na educação superior, de continuarem professando sua fé. Desde o início, os GOUs eram realizados em salas de aula, exceto quando havia uma capela na universidade. Como disse acima, o surgimento da RCC na universidade se dá pelos GOUs.

IHU On-Line - Quais são os limites e as possibilidades nesse diálogo entre a academia e a religião na sociedade pós-moderna?

Carlos Procópio - Não estou preocupado com os limites do diálogo, acho inclusive difícil detectá-los na medida em que um limite apontado agora é, daqui alguns minutos, superado. Acredito na possibilidade criativa do ser humano, que produz cotidianamente seu mundo. Esses GOUs, por exemplo; não seria fácil apontar seus limites, porque cada vez que eu converso com um deles, eu vejo novas possibilidades se abrindo. As possibilidades de diálogo entre academia e religião estão sempre abertas. Podemos até encontrar grupos que não gostam de religião, mas vai ser difícil desacreditar em argumentos científicos vindos de um religioso, desde que produzidos cientificamente, mesmo que estes corroborem sua crença. Quando um religioso faz ciência, ela tem que ser considerada enquanto tal, por mais que ela tenha pretensões religiosas. Se acusarmos o cientista de fazer da ciência um instrumento para sua religião, teremos que acusar outros cientistas de favo-

recerem suas agências de fomento ou corporações quando direcionam suas pesquisas para determinados campos em detrimento de outros. A discussão sobre ciência deve levar em conta a produção científica. Em relação ao mundo do trabalho, poder-se-ia dizer que a fé deles poderia levá-los a uma alienação para com o mundo do trabalho como é hoje concebido. Isso pode até acontecer, mas muitos jovens dos GOUs vêm procurando outras formas de inserção no mundo do trabalho, questionando o *status quo*, como já aponte.

IHU On-Line - Em que aspectos ambos os campos podem ajudar a construir uma nova sociedade?

Carlos Procópio - Penso que continuando a fazer o que fazem, a academia produzindo a si mesma ao mesmo tempo em que ajuda a produzir a religião que dela quer participar, e a religião produzindo a si mesma ao mesmo tempo em que ajuda a produzir a academia, como vimos no caso dos GOUs.

IHU On-Line - Até que ponto a RCC na universidade serve como uma re-institucionalização católico-carismática na sociedade?

Carlos Procópio - Essa tese da re-institucionalização é da Brenda Carranza¹, e eu não sou adepto dela. A discussão sobre isso é muito bem elaborada e sedutora, mas tenho vocação para antropólogo e estou mais interessado no que as pessoas e grupos fazem do mundo. Inclusive acho muito difícil uma república laica como a nossa se render aos desígnios de alguma religião, ou uma religião poder ditar as regras de modo total, como sugere aquela tese. A religião ajuda a produzir o mundo, como ajuda a produzir a universidade, e é isso que me interessa. Eu falei que o GOU está em sintonia com a universidade, o que não significa que ele dê o tom.

¹ Confira nesta edição a entrevista exclusiva concedida por Brenda Carranza, intitulada *Uma novidade na estrutura de vida consagrada na Igreja*. (Nota da IHU On-Line)

RCC, Canção Nova e o envio de missionários brasileiros ao mundo

Para Eduardo Gabriel, a RCC é hoje o melhor modelo de catolicismo para exportação que a Igreja Católica no Brasil pode vislumbrar

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

“O individualismo e a secularização, antes pensados como fenômenos capazes de minar a expansão religiosa, são hoje usados como argumento suficiente em nome do qual se justifica a necessidade de evangelização”. A opinião é de Eduardo Gabriel, na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. E ele continua: “sociologicamente temos percebido que individualismo e secularização não são sinônimos de ausência religiosa ou espiritual nas sociedades”. Ao analisar o crescimento da Renovação Carismática Católica, Eduardo Gabriel lembra que, “para fora, a RCC já não tem tantas armas para disputar com o pentecostalismo, pois a maior disputa hoje passa a ser com outras esferas da sociedade, sobretudo com a esfera do consumo. A preocupação é, por exemplo, como transferir um consumo de lazer normal para um consumo de lazer religioso”, referindo-se ao que hoje conhecemos por “turismo religioso”. “Para as pessoas que sonham fazer uma viagem de navio, um cruzeiro, ao invés de irem com uma agência de viagens normal, hoje já podem fazer um cruzeiro católico, literalmente, onde há um navio que terá lazer, mas também terá retiro espiritual durante a viagem, além de missas, confissões etc.”

Eduardo Gabriel possui graduação e mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Atualmente, é doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo - USP, com doutorado sanduíche pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Religião, atuando principalmente nos seguintes temas: globalização, protestantismo, missões e religião, universidade, catolicismo, RCC. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como religião e globalização se relacionam na chegada da Canção Nova em Fátima, Portugal?

Eduardo Gabriel - A dinâmica do fenômeno da globalização tem sido propulsora dos fluxos religiosos em todo o mundo, aliados igualmente aos fluxos culturais, financeiros, políticos etc. Nas duas últimas décadas, começou a ocorrer um particular movimento de grupos religiosos, tendo como saída

os países do sul em direção aos países do norte. Isto é, países que historicamente recebiam missões religiosas na África e América Latina agora começam a enviar missionários, não só para outros países também da África e da América Latina, mas também países de onde saíam os missionários, ou seja, para a América do Norte e a Europa, principalmente. Este fenômeno é o que os especialistas chamam

de “retorno missionário”. Focando no contexto brasileiro, o grande “boom de envio missionário” aconteceu em meados da década de 1990, momento em que a estabilização monetária nacional em paridade com o dólar motivou a saída. Este é um grande episódio que marca a expansão internacional de grupos religiosos do Brasil, e os primeiros que começam a sair são os grupos evangélicos - pentecostais e neopentecostais. As comunidades católicas do movimento de Renovação Carismática Católica, as chamadas “novas comunidades”, só começaram a sair no final dos anos 1990, muito posterior à saída dos grupos evangélicos. Esta saída das comunidades católicas, como sinal de corrida e disputa neste processo de expansão religiosa, começa bastante tardia e só agora dá sinais de algum tipo de aceleração. Exemplificando, a Canção Nova chega a Portugal em 1998, ano em que a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)¹ completou 10 anos, por ter chegado em 1988, o que mostra aquilo que estou dizendo acima. E a aceleração do envio de comunidades católicas começa a acontecer agora com o fato de que, 10 anos da chegada da Canção Nova, só em 2008 em Portugal chegaram outras três comunidades: Toca de Assis, Shalom e Aliança de Misericórdia; a comunidade Obra de Maria sempre esteve trabalhando junto com a Canção Nova. Portanto, hoje são cinco comunidades católicas brasileiras em Portugal: Canção Nova, Obra de Maria (ambas em Fátima), Toca de Assis (na cidade de Balazar, próximo ao Porto, região norte), Aliança de Misericórdia (em Lisboa) e Shalom (em Braga).

IHU On-Line - Quais são as peculiaridades da Canção Nova em Portugal? Que diferenças apresenta em relação ao Brasil?

Eduardo Gabriel - Não há qualquer tipo de diferença na forma e conteúdo de evangelização da Casa de Missão em

¹ Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): igreja cristã protestante, de tendência pentecostal, fundada no Brasil. Sobre o tema, confira a edição 36 do *Cadernos IHU Ideias*, intitulada *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica*, disponível para download em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1158330917.43pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

“A Canção Nova chega a Portugal em 1998, ano em que a IURD completou 10 anos”

Portugal em relação à evangelização no Brasil, isto é inclusive um dos principais motivos que desencadeou no começo uma série de ataques à presença da Canção Nova em Portugal. Ou seja, ela implantou sem qualquer preocupação em adaptação cultural local as formas de culto e pregação tal como se vê no Brasil. Um grupo de leigos portugueses de grande articulação com o episcopado português escreveu um documento que se pretendeu ser um manifesto de abaixo-assinado sobre a instalação da Canção Nova em Portugal, particularmente sobre o começo da TV Canção Nova. No dia 05 de Julho de 2001, na página 43 do jornal *Público*, um artigo de página inteira, assinado pelo jornalista António Marujo, que é muito ligado à hierarquia católica portuguesa, traz como título: “Canal católico brasileiro perde um dos parceiros portugueses”, que tratava de ser o movimento AIS - Ajuda à Igreja que Sofre. No corpo do texto, expressões como “mentalidade neojansenista”, “moralista” e “intolerante” desqualificavam a evangelização da TV Canção Nova. No dia 18 de outubro do mesmo ano, um novo artigo assinado pelo mesmo jornalista, trazia como título: “Bispos distanciam-se de canal católico no cabo”, o que tratava de demonstrar a grande insatisfação dos bispos com a presença da Canção Nova em Portugal. Na mesma página, outro artigo secundário, para ajudar na desqualificação da TV Canção Nova, tinha como título “Polêmica também no Brasil”, tentando demonstrar que também a CNBB não tinha qualquer ligação com a Canção Nova e nem apoiava o trabalho. Essas reações ilustram como foi o processo de chegada e a implantação direta da Canção Nova em Portugal nas mesmas dinâmicas do Brasil, mas, o catolicismo português, e talvez os missionários brasileiros da Canção Nova, estivessem um pouco desavisados de que a reali-

dade não é a mesma do que no Brasil.

IHU On-Line - De que forma podemos compreender a expansão da RCC brasileira? Esse é um modelo de religião “tipo exportação”?
Eduardo Gabriel - A exportação da RCC brasileira representa a quarta fase da trajetória histórica de desenvolvimento do movimento. Primeiro sua chegada ao Brasil, 1969; segundo, sua expansão em grupos de oração e institucionalização por todo o território nacional; terceiro, a grande presença nos meios de comunicação, criação de TVs, rádios, portal na Internet, editoração de livros, CDs, DVDs etc.; e hoje a quarta fase, a expansão internacional. Por apresentar toda estas dimensões, sobretudo com a grande presença nos meios de comunicação, a RCC é hoje o melhor modelo de catolicismo para exportação que a Igreja Católica no Brasil pode vislumbrar.

IHU On-Line - Como você compreende essa globalização da religião frente ao individualismo e à secularização de determinados setores da sociedade?
Eduardo Gabriel - O individualismo e a secularização, antes pensados como fenômenos capazes de minar a expansão religiosa, são hoje usados como argumento suficiente em nome do qual se justifica a necessidade de evangelização. Em outras palavras, sociologicamente temos percebido que individualismo e secularização não são sinônimos de ausência religiosa ou espiritual nas sociedades. Há, cada dia mais, inúmeros seguimentos religiosos, os mais diversos, sobretudo na perspectiva chamada “Nova Era”, que estão surgindo e crescendo em todo os cantos.

IHU On-Line - Quais são as verossimilhanças da RCC com o pentecostalismo?
Eduardo Gabriel - Na performance do ritual da RCC, por ter como ênfase a passagem bíblica da vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos, que é o mesmo episódio como fundo de cena dos pentecostais, ambos, RCC e pentecostais, acabam tendo comportamentos semelhantes quais sejam, o louvor efusivo com a oração em línguas (glossolalia), ênfase no demônio, palmas nas missas etc., além de uma estrutura arquitetônica nos locais de culto carismática mui-

“As observações mostram que já não há tantos católicos regressados por conta exclusiva da RCC. Em suma, já não tem trazido os católicos de volta. Quem foi, foi, e quem está hoje é porque já tem uma trajetória de participação em RCC por mais de 5 ou 6 anos”

to similar, com traços estilizados. Este é um dos grandes entraves pelo qual passa a Canção Nova em Portugal, que é constantemente vista como sendo uma Igreja Universal do Reino de Deus. Muitos portugueses que não estão habituados a ver “diferenças” nos estilos de culto, acham que a Canção Nova é a mesma coisa que a IURD, e por isso também fazem muitas críticas à Canção Nova.

IHU On-Line - Podemos ainda apontar a RCC como um movimento conservador de dupla reação?

Eduardo Gabriel - Considero que hoje a RCC já não é mais um movimento conservador de dupla reação porque não é somente para o interior da Igreja Católica e em direção a uma concorrência com os pentecostais que a dinâmica carismática se perfaz. Há outras ramificações por onde a RCC começa a se instalar, tanto para dentro da Igreja Católica, como para fora. Hoje a RCC já não é o principal meio possível para reter fiéis que estavam saindo do catolicismo, pois ao contrário disso, já tem uma massa de fiéis formada que não são pessoas “neoconvertidas” ao catolicismo carismático, que antes eram católicas e deixaram de ser. As observações mostram que já não há tantos católicos regressados por conta exclusiva da RCC. Em suma, já não tem trazido os católicos de volta. Quem foi, foi, e quem está hoje é porque já tem uma trajetória de participação em RCC por mais de 5 ou 6 anos. A pergunta fundamental é: como explicar o crescimento? É preciso notar que, no final dos anos 1980 e até meados dos anos 1990, muitos que participaram da RCC em grupos de oração continuam até hoje, e naturalmente casaram e tiveram filhos. Hoje há um grande volume de jovens que

nasceram com pais já ativamente dentro dos grupos de oração, foram criados participando de grupos de oração, são jovens participando desde sempre da RCC. Repito, há um grande volume de pessoas assim. Por isso, o crescimento da RCC é em grande parte um crescimento endógeno. Para fora, a RCC já não tem tantas armas para disputar com o pentecostalismo, pois a maior disputa hoje passa a ser com outras esferas da sociedade, sobretudo com a esfera do consumo. A preocupação é, por exemplo, como transferir um consumo de lazer normal, para um consumo de lazer religioso. Ou seja, as pessoas que gostam de fazer viagens internacionais nas férias, podem hoje optar por fazer as mesmas viagens internacionais, mas só que agora com a presença de um líder espiritual - padre, teólogo etc., e percorrer lugares sagrados como em Fátima, Portugal, Itália, Terra Santa, santuários marianos pelo mundo etc. É a ideia de um turismo religioso. Por isso, antes de buscar disputar forças com o pentecostalismo, segmento estritamente rival, é com estas outras esferas que a RCC começa a ter que disputar força, espaço e público alvo. Para as pessoas que sonham fazer uma viagem de navio, um cruzeiro, ao invés de irem com uma agência de viagens normal, hoje já podem fazer um cruzeiro católico, literalmente, onde há um navio que terá lazer, mas também terá retiro espiritual durante a viagem, além de missas, confissões etc. Com tudo isso, é preciso ver que não só a RCC busca fiéis em outros setores da Igreja e também em disputa com o pentecostalismo, como foi considerado anteriormente, mas tem também hoje outras tantas reações conservadoras que precisam ser reveladas e analisadas sociologicamente.

PARTICIPE DOS EVENTOS DO IHU
INFORMAÇÕES NO SÍTIO WWW.IHU.UNISINOS.BR

Religiões do Mundo

De 10-08-2009 a 08-10-2009



>> Exibição de documentários sobre as religiões

Os filmes são apresentados na Sala 1G119, junto ao Instituto Humanitas Unisinos - IHU e na Casa de Cultura Mario Quintana - Porto Alegre.

Informações no sítio www.ihu.unisinos.br



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



Brasil em Foco

Pré-sal x taxa de câmbio: o risco da sobrevalorização cambial

Keynesiano, o economista Fernando Ferrari Filho frisa que “o crescimento sustentável, com ou sem pré-sal, passa pela eliminação das restrições externas e pela reestruturação do mercado interno, com inclusão social consistente”

POR PATRICIA FACHIN

De “passaporte para o futuro”, como é denominado pelo governo, o pré-sal além de atrair muitos investimentos para o país, pode trazer à tona o fantasma da estagnação econômica. “Se não houver um controle de recursos externos que entrarão, o câmbio seguirá uma tendência de sobrevalorização, o que pode resultar em um problema de ‘doença holandesa’”, alerta o economista Fernando Ferrari Filho, em entrevista concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**. Em outras palavras, enfatiza, “há uma perspectiva de desindustrialização da economia brasileira”. Ao assinalar as implicações do pré-sal, ele também observa perspectivas positivas. “As reservas do pré-sal e as perspectivas de exploração delas colocarão o Brasil em uma situação privilegiada no cenário internacional, principalmente no que diz respeito à captação de recursos externos”.

Na entrevista que segue, o economista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, acentua que a sobrevalorização do real está relacionada a alguns fatores, em especial, a diferença entre as taxas de juros doméstica e externa, que sofrem influências estruturais e conjunturais. Ele explica: “Estrutural, porque está relacionada à condução das políticas monetária e cambial por parte do Banco Central; conjuntural, porque, em um contexto de instabilidade internacional, os agentes acabam buscando mercados relativamente tranquilos”. Embora a economia nacional opte por um regime flutuante de meta cambial, o economista lembra que ela “possui reservas cambiais robustas, o que reduz ou elimina, pelo menos no curto prazo, a vulnerabilidade externa do país”.

Fernando Ferrari Filho é graduado em Economia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, doutor em Economia pela Universidade de São Paulo - USP, e pós-doutor pela University of Tennessee System. Publicou, entre outros, *Política comercial, taxa de câmbio e moeda internacional: uma análise a partir de Keynes* (Porto Alegre: UFRGS, 2006). Escreveu para a edição número 37 dos **Cadernos IHU Ideias**, intitulado *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*. O material está disponível no link <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1158330840.21pdf.pdf>. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em sua opinião, quais são as causas da sobreapreciação cambial? Ela é estrutural e conjuntural?

Fernando Ferrari Filho - A sobrevalorização do real, ao longo de 2009, deve-se a inúmeros fatores, tais como a economia brasileira, apesar do fato dos analistas econômicos e as instituições nacionais e multilaterais estarem prevendo um crescimento negativo ou próximo de zero para o corrente ano, apresenta situações fiscal e, principalmente, externa sólidas; o sistema financeiro não opera

com derivativos exóticos, é eficiente, está adequado às regras de Basiléia II etc.; e as taxas de juros domésticas, a despeito da Selic que as baliza, terem caído 5,0% entre janeiro e setembro, são atrativas. Em suma, os referidos fatores, em especial o último - diferencial entre as taxas de juros domésticas e externas -, contribuem para o ingresso de capitais, aumentando, assim, a oferta de divisas cambiais. A sobrevalorização é tanto estrutural quanto conjuntural: estrutural, porque está relacionada à condução das

políticas monetária e cambial por parte do Banco Central; conjuntural, porque, em um contexto de instabilidade internacional, os agentes acabam buscando mercados relativamente tranquilos.

IHU On-Line - A sobreapreciação cambial demonstra que a economia brasileira, de algum modo, está vulnerável?

Fernando Ferrari Filho - A economia brasileira possui reservas cambiais robustas, o que reduz ou elimina, pelo

menos no curto prazo, a vulnerabilidade externa do País. Todavia, cabe ressaltar que se os déficits em transações correntes perdurarem e/ou recrudescerem e se os influxos de capitais cessarem, poderemos ter, em um futuro (mais distante do que próximo), problemas de fechamento de balanço de pagamentos, fragilidade externa etc.

IHU On-Line - O senhor disse, numa entrevista que nos concedeu em novembro de 2008, que os efeitos sobre os níveis de emprego, massa salarial e inflação seriam observados em 2009 e 2010. Já consegue ver uma perspectiva nesse sentido? A sobreapreciação cambial contribui na observação mais clara desses efeitos?

Fernando Ferrari Filho - A inflação há muito tempo deixou de ser um problema para o país. Ademais, em um contexto de recessão, a inflação deverá ficar abaixo do alvo da meta, 4,5%. Por outro lado, o efeito transmissor do câmbio sobrevalorizado sobre os preços é observado, por exemplo, nos índices de inflação em que os preços de atacado têm um peso significativo. Nesse particular, tanto o IGP-M (Índice Geral de Preços do Mercado) quanto o IGP-DI (Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna), acumulados em 12 meses, têm apresentado, mês após mês, deflação. Inflação menor, por sua vez, acaba elevando o salário real. Todavia, para ocorrer um crescimento da massa salarial, é necessário, também, que o nível de emprego se expanda. Nesse particular, infelizmente, a taxa média de desemprego em 2009 é superior a de 2008.

IHU On-Line - Essa valorização artificial do real pode desaquecer a economia brasileira? Quais são, nesse sentido, os principais entraves para o crescimento econômico nacional?

Fernando Ferrari Filho - A sobrevalorização cambial desaquece o setor exportador, principalmente aquele que depende do “subsídio” cambial. Ademais, ela é prejudicial ao setor de máquinas e equipamentos domésticos, visto que as importações do referido setor afetam a indústria nacional.

IHU On-Line - Quais são as limitações e as possibilidades para a economia brasileira ao optar por um regime flutuante de meta cambial? Como isso interfere no crescimento econômico?

Fernando Ferrari Filho - Os governos optaram, desde 1999, pelo tripé metas de inflação, câmbio flexível e metas fiscais. Foi uma opção! Eu, particularmente, entendo que o regime macroeconômico adequado para estabilizar a inflação e assegurar o crescimento econômico sustentável é política monetária contra-cíclica (isto é, taxa de juros para expandir a atividade econômica),

“Os governos optaram, desde 1999, pelo tripé metas de inflação, câmbio flexível e metas fiscais. Foi uma opção! Eu, particularmente, entendo que o regime macroeconômico adequado para estabilizar a inflação e assegurar o crescimento econômico sustentável é a política monetária contra-cíclica”

câmbio administrado e equilíbrio fiscal, sem abandonar a perspectiva de se adotar política fiscal contra-cíclica em momentos de desaquecimento do PIB.

IHU On-Line - Alguns especialistas dizem que o pré-sal vai colocar o Brasil em um processo de inserção internacional. Qual é o significado do pré-sal para a economia? Em que medida o pré-sal é positivo ou negativo?

Fernando Ferrari Filho - Não há dúvida de que as reservas do pré-sal e as perspectivas de exploração delas colocarão o Brasil em uma situação privilegiada no cenário internacional, principalmente no que diz respeito à captação de recursos externos. Ingresso de recursos externos implica investimentos que, por sua vez, expandem a atividade econômica. Essa sequência, sem dúvida, é o aspecto positivo. O aspecto negativo é que, se não houver um controle dos recursos externos que entrarão, o câmbio seguirá uma tendência de sobrevalorização, o que pode resultar em um problema de “doença holandesa”. Em outras palavras, há uma perspectiva de desindustrialização da economia brasileira.

IHU On-Line - Mas, com o pré-sal, o senhor vislumbra, a longo prazo, uma economia crescente, dinâmica e competitiva em vários setores? Ou, pelo contrário, a economia interna corre o risco de estagnação se o petróleo for exportado?

Fernando Ferrari Filho - Como sou um keynesiano, não me cabe outra coisa a dizer que o “futuro é incerto”. Nesse sentido, conjecturar sobre dinâmica da economia brasileira, a partir da exploração do pré-sal que ocorrerá a médio prazo, é complexo. Eu diria, todavia, que o crescimento sustentável, com ou sem pré-sal, passa pela eliminação das restrições externas e pela reestruturação do mercado interno, com inclusão social consistente.

IHU On-Line - Quando descoberta, a Serra dos Carajás, no Pará, era anunciada como uma alternativa para combater os problemas sociais e econômicos do país. Com pré-sal, o discurso e a prática irão se repetir?

Fernando Ferrari Filho - O pré-sal não eliminará os problemas sociais do país. A redução ou eliminação deles passa pelo crescimento acelerado e sustentável, com inclusão social, e pela distribuição de renda.

IHU On-Line - A lógica do livre mercado desencadeou a crise financeira internacional e deixou as economias em pânico. As economias não aprenderam nada com isso, considerando

que os capitais já estão retomando velhas práticas de acumulação financeira, como acontece no caso do Brasil com a valorização cambial?

Fernando Ferrari Filho - A crise financeira internacional não está sendo mais recrudescedora em termos de impactos recessivos porque foram implementadas políticas fiscal e monetária keynesianas. Não há a mínima dúvida! Todos, economistas e *politymakers*, tornaram-se “keynesianos”. Os oportunistas, todavia, não veem a hora da “poeira baixar” para que o Estado volte a exercer um papel de passividade na atividade econômica, sancionando a lógica dos mercados.

Enquanto não houver uma reestruturação da ordem econômica internacional, e os governantes e as autoridades econômicas não entenderem que Estado e Mercado são duas instituições imprescindíveis e que interagem, as crises do capitalismo continuarão, em um mundo globalizado, causando seus estragos.

EAD EM ECONOMIA

O Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia, debate, a partir do dia 14-9-2009, o texto de Fernando Ferrari Filho, publicado no *Cadernos IHU Ideias* número 37, de 2005, intitulado *As concepções teórico-analíticas e as preposições de política econômica de Keynes*. Mais informações no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

LEIA MAIS...

>> Fernando Ferrari Filho já concedeu outras entrevistas à *IHU On-Line*. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica.

Entrevistas:

- “A sociedade brasileira ainda não percebeu a dramaticidade da crise”. Publicada na edição número 283, de 24-11-2008, intitulada *As Ciências Sociais, hoje. Os 50 anos do curso de Ciências Sociais* da Unisinos. A entrevista pode ser acessada no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_eventos&Itemid=26&ask=evento&id=236&id_edicao=311;
- A “mão invisível” do mercado não funciona sem a “mão visível” do Estado. Publicada na edição número 276, de 06-10-2008, intitulada *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes*. Disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1341;
- Programa de aceleração do crescimento. Um ano depois. Publicada no dia 23-01-2008, nas *Notícias do Dia* e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=11798.

Entrevista da Semana

Bartolomé de Las Casas: protetor dos indígenas

Cinco séculos após a morte de Bartolomé de Las Casas, os indígenas passam a assumir em primeira pessoa a defesa de seus direitos, aparecendo de forma autônoma na conjuntura política latino-americana, aponta Giuseppe Tosi

POR PATRICIA FACHIN

“**P**rocurador de los indios”. Era assim que Bartolomé de Las Casas, frade dominicano e primeiro defensor público dos indígenas, orgulhava-se de ser identificado. Para o professor Giuseppe Tosi, Las Casas “entendeu que a questão indígena era a questão central para o presente e o futuro da América Latina”. Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à *IHU On-Line*, Tosi lembra que ele “soube conjugar o conhecimento da tradição e da linguagem filosófica, teológica e jurídica do seu tempo com as trágicas e dramáticas questões suscitadas pela conquista do Novo Mundo, elaborando, assim, um pensamento ao mesmo tempo universal e autenticamente latino-americano”. Sua voz ecoou com força pelo continente, mas o “silêncio ensurdecedor” dos indígenas “chegou até nós de maneira muito fragmentada e débil, sempre mediada por representantes”, considera.

Tosi é graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Milão, doutor em Filosofia pela Università degli Studi di Padova, Itália, e pós-doutor pela Universidade Firenze, Itália. Atualmente, leciona no Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba e coordena o Núcleo Cidadania e Direitos Humanos da mesma universidade. Entre suas obras, citamos *Bartolomé de Las Casas: De Regia Potestate* (Bari-Roma: Laterza, 2007). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que o senhor descreve Bartolomé de Las Casas como filósofo da libertação latino-americano?

Giuseppe Tosi - Pela compreensão e o reconhecimento da alteridade oprimida, humilhada, ocultada dos povos indígenas, e pela relação constante entre a teoria e a práxis libertadora que ele soube realizar, podemos a justo título considerar Las Casas como um autêntico filósofo latino-americano da libertação. Com efeito, ele soube conjugar o conhecimento da tradição e da linguagem filosófica, teológica e

jurídica do seu tempo com as trágicas e dramáticas questões suscitadas pela conquista do Novo Mundo, elaborando assim um pensamento ao mesmo tempo universal e autenticamente latino-americano.

IHU On-Line - O que caracterizava o pensamento político de Bartolomé de Las Casas?

Giuseppe Tosi - O seu ponto de força reside em aceitar e tomar a sério o princípio da reciprocidade dos direitos e da reversibilidade dos conceitos que os escolásticos de Salamanca haviam

proclamado sem retirar as devidas conseqüências. Se, como afirmava Francisco de Vitória na famosa *Relectio de Indis*: “Sem dúvida, os bárbaros eram verdadeiros senhores (*domini*), tanto pública como privadamente, do mesmo modo que os cristãos”, então deveriam ser-lhe reconhecidos todos os direitos que se reconhecem aos cristãos, *ergo...* não poderiam ser escravizados, não poderia ser feita uma guerra justa contra eles, não poderiam ser cristianizados à força etc.

IHU On-Line - Como a dignidade humana e os direitos dos indígenas são apresentados na obra de Bartolomé de Las Casas?

Giuseppe Tosi - Outro ponto de força do pensamento político de Las Casas reside no reconhecimento de uma liberdade originária e dos direitos subjetivos: todos os homens e todos os povos, por direito natural, são livres e iguais. O fundamento desta liberdade originária está, ao mesmo tempo, na imagem de Deus presente em todo ser humano, de origem bíblica, e na racionalidade, politicidade e eticidade natural de origem aristotélica. A partir destes pressupostos, Las Casas afirma que a escravidão natural não existe, e a escravidão legal é um fenômeno acidental, ligado a circunstâncias históricas que devem ser superadas.

Devemos ressaltar também a sua compreensão “antropológica” e “etnológica” das culturas tão diferentes: Las Casas é também o pioneiro da moderna antropologia cultural. Ele afirma que os índios são homens como todos os outros, também neles está presente a imagem de Deus, eles não são idiotas, incapazes, *amentes*, mas criaturas racionais, boas, frágeis, indefensas, e os costumes “bárbaros e selvagens” que praticam (como o canibalismo e os sacrifícios humanos) devem ser interpretados “culturalmente”. Esta foi uma postura absolutamente original e única na sua época, ao ponto que alguns intérpretes apresentam um Las Casas “relativista” e prospetivista cultural. Não acredito que o frade dominicano, que era plenamente convencido da verdade da sua religião, tenha chegado a tanto, mas com certeza levou a sua compreensão do outro até os limites da ortodoxia.

IHU On-Line - Como a teoria aristotélica da escravidão natural se insere no debate sobre a conquista da América?

Giuseppe Tosi - A teoria de Aristóteles exerceu no debate uma função eminentemente ideológica, no sentido marxiano do termo: serviu para encobrir e justificar os verdadeiros interesses econômicos da empresa ultramarina. A Conquista carecia das justificações tradicionais que legitimavam uma guerra de conquista (como foi o caso da longa *reconquista* espanhola e portuguesa). Por isso, os conquistadores e seus apologistas tiveram que recorrer à doutrina da “inferioridade natural” dos indígenas para justificar a sua dominação por parte dos “mais sábios” (*sapientiores*), os próprios espanhóis, ainda que esta teoria fosse contrária aos princípios do universalismo cristão, contradição que Las Casas e os escolásticos de Salamanca, não deixaram de denunciar.

IHU On-Line - Em que sentido a memória viva de Bartolomé de Las Casas é importante para pensarmos a temática indígena na América Latina hoje?

Giuseppe Tosi - Entre os vários títulos que recebeu em vida, Las Casas se vangloriava, sobretudo, do título de “Procurador de los indios”, que lhe foi oficialmente conferido pelos *caciques* indígenas do Peru para que os representasse diante da Coroa Espanhola: foi o primeiro defensor público, ombudsmann, ouvidor como diríamos hoje. Ele entendeu que a questão indígena era a questão central para o presente e o futuro da América Latina, e estava certo: basta pensar que ele foi o primeiro Bispo da Diocese de Chiapas, na península do Yucatán, que ainda hoje é famosa pela rebelião indígena: passaram-se mais de 500 anos e a questão indígena continua sem solução.

A voz de Las Casas enquanto protetor dos índios chegou até nós com força, mas a voz dos indígenas, a voz dos vencidos, o seu grito, ou melhor, o seu silêncio ensurdecido não chegou até nós se não de maneira muito fragmentaria e débil, sempre mediada por representantes e porta-vozes. Talvez somente agora, passados mais de 500 anos, os povos indígenas começam a aparecer

de forma autônoma no cenário político latino-americano, assumindo, em primeira pessoa, a defesa dos seus direitos, falando com a própria voz e assim realizando e, ao mesmo tempo, superando o legado lascasiano.

IHU On-Line - Apreservação da memória tem contribuído para mudar a história de injustiça e de crimes cometidos contra os indígenas?

Giuseppe Tosi - Normalmente se afirma, com uma certa razão, que apesar de todo o seu gigantesco esforço, a voz de Las Casas e dos outros defensores dos índios não obteve grandes resultados, e que toda a sua ação foi um redundante fracasso. Apesar disso, é indubitável que a ação de Las Casas deixou uma certa herança tanto na Europa como na América Latina, do ponto de vista teórico e prático. A influência de Las Casas e dos teólogos da Escuela de Salamanca sobre o pensamento político moderno foi significativa, e não somente em âmbito católico. A ideia dos direitos naturais subjetivos, elaborada pelos escolásticos, exercitou uma influência importante sobre o jusnaturalismo moderno, que pode ser visto como uma secularização da antropologia teológica cristã.

Na América Latina, a influência de Las Casas foi também significativa. Seus textos e o seu exemplo inspiraram gerações de missionários que tentaram estabelecer uma diferente maneira de evangelizar sem o uso da violência, como as experiências das *reducciones* e *missiones* dos jesuítas demonstram.

Concluindo, podemos dizer que, depois de séculos de esquecimentos e de incompreensão, finalmente, nos últimos decênios, o significado histórico da figura do Procurador dos índios só faz crescer em todo o mundo e especialmente na América Latina. Ele se torna um ponto de referência obrigatório por parte de todos aqueles que reinterpretam a história do continente a partir do ponto de vista dos perdedores, ou seja, dos pobres, dos indígenas, dos negros e de todos os outros sujeitos que foram e continuam sendo vítimas de uma estrutura política que encontra as suas raízes nas profundas iniquidades dos primeiros tempos da Conquista e colonização que Las Casas nunca cessou de denunciar.



Convergência tecnológica: intensificando a necessidade por uma educação para as mídias

POR PAOLA MADEIRA NAZÁRIO*

A discussão conceitual acerca da natureza dos serviços de comunicações não é exclusividade do momento atual. Ela está presente em cada inovação que o setor apresenta. Desde a regulamentação do rádio, do telefone e da televisão foram debatidos temas como segurança, soberania nacional e liberdade de expressão, fazendo-se presente também o embate de forças econômicas e políticas, o que culmina num contexto normativo específico dizendo respeito ao momento político-administrativo e econômico de cada época.

Com o advento da digitalização e a obsolescência nas normativas legais para o audiovisual, percebo como primordial, a releitura de sua regulamentação e a criação de incentivos e ferramentas que construam uma massa de cidadãos críticos quanto às problemáticas dos meios de comunicação no Brasil. Não pretendo aprofundar, nesse artigo, sobre os legítimos argumentos por uma nova regulamentação que incida nas estruturas dos meios de comunicação social do país, principalmente nesse atual período de convergência tecnológica em que as demarcações legais para a nova configuração de gestão, produção e distribuição

de conteúdos em diversas mídias são elementos que nitidamente requerem novos aparatos legais.

Discutir a regulamentação da mídia nesse texto é demarcar um pano de fundo que nos ajude a pensar sobre a ação da sociedade civil (SC) no processo de participação dos debates para regulamentar a comunicação. Delimitando, avalia-se a SC como ambiente em defesa da cidadania e de suas maneiras de organização em torno de interesses públicos. Focalizando, essa esfera social refere-se às maneiras organizadas de comunicação do mundo em sociedade, com o objetivo de exercer influências sobre os processos político-administrativos e econômicos.

A sociedade civil abrange formas diversas de discussões públicas, que entram em conflito com as lógicas econômica do lucro e política do poder. Assim, é importante o fortalecimento da SC para preservar os espaços ameaçados pelo sistema, não obstante ela represente a complexidade de interesses em disputa. Cabe analisar, no entanto, que as inovações tecnológicas podem ser uma brecha para a construção de um marco legal democrático e pluralista. Esta questão me faz pensar

* Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) na linha de pesquisa Mídias e Processos Audiovisuais; graduada em Comunicação Social-Habilitação em Publicidade Propaganda pela mesma instituição e atualmente trabalha como Auxiliar de Pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Contato: madeira_nazario@hotmail.com.

Coordenador do Grupo: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
Editor da Coluna: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

www.grupocepos.net

no novo cenário de convergência tecnológica, que, se for moldado de maneira participativa, tanto por parte do Estado quanto da sociedade civil, pode resultar em uma nova normativa sobre as tecnologias de informação no Brasil.

É impreterível que o debate sobre a ação participativa da sociedade nas problemáticas dos meios de comunicação perpassa pelos processos da educação formal que vigoram no Brasil. A integração social e a ampliação do espírito crítico, essencialmente da população estudantil, que, percorrendo as diversas etapas de sua formação, terá condições de maior discernimento na seleção das informações e também de tornar-se elemento multiplicador de uma consciência analítica do ambiente midiático em que está inserida. Nesse sentido, são procedimentos de conformação do cidadão, contribuindo para que possa melhor compreender e movimentar-se ante as novas realidades presentes em seu cotidiano, identificando os distintos conteúdos informativos que lhe interpelam.

Acredito na educação para a comunicação como instrumento para a emancipação dos indivíduos e das classes, e não somente como estruturas de reprodução das desigualdades sociais. Parte desta perspectiva a existência da necessidade de formular uma ciência voltada para a mudança, acreditando na escola como *locus* privilegiado de formação para a cidadania.

Percebo com nitidez o impacto do avanço tecnológico sobre estruturas e

“Como poderá a escola contribuir para que jovens se tornem usuários criativos e críticos dessas novas ferramentas e não meros consumidores de conteúdos e tecnologias?”

instituições sociais públicas e privadas em nossa sociedade a partir do consumo elevado e a crescente penetração da mídia nos processos democráticos. Diante disso, me pergunto: “Como poderá a escola contribuir para que jovens se tornem usuários criativos e críticos dessas novas ferramentas e não meros consumidores de conteúdos e tecnologias?” Já que esses elementos transcorrem de maneira estruturante no material simbólico e identidade coletiva desses jovens cidadãos.

E é de responsabilidade, dentre outras esferas sociais, que as instituições de ensino fundamental e médio dinamizem a integração dessas novas tecnologias de modo criativo, inteligente e dis-

tanciado, no sentido de desenvolver a autonomia e a competência do estudante e do educador enquanto usuários das tecnologias e não como meros receptores. Arrisco a afirmar que a escola é um dos espaços sociais mais importantes e com um grande potencial em cumprir a tarefa de integrar as tecnologias da informação e comunicação ao cotidiano das salas de aula de forma criativa. Isso exige investimentos significativos e transformações profundas em: formação de professores; pesquisas voltadas para a metodologia de ensino; aquisição e acessibilidade de equipamentos, materiais didáticos e pedagógicos.

A implementação estratégica para incentivar uma leitura crítica dos meios de comunicação é uma tarefa que precisa ser abarcada também pelo trabalho científico de pesquisadores da área, tanto na educação quanto da comunicação. Pois a integração das novas tecnologias aos processos educacionais só faz pleno sentido se realizada em uma dupla dimensão: como ferramenta pedagógica e como objeto de estudo.

Somente uma abordagem integradora pode dar conta da complexidade do problema e propiciar uma apropriação ativa e criativa dessas tecnologias pelo professor e pelo aluno. Uma leitura crítica e educacional da mídia é essencial para o exercício da cidadania, sendo esta um instrumento fundamental para a democratização do acesso ao saber e, portanto, de redução das desigualdades sociais.

Curso de
Extensão na
Unisinos

Fundamentos e Práticas de Jornalismo Político

Início: 16 de setembro

Professor: Bruno Lima Rocha.

Professor de Comunicação da Unisinos. Doutor e Mestre em Ciência Política pela UFRGS

Fone (51) 3591-1122 ou pelo e-mail: RAQUELRUSCHEL@unisinos.br

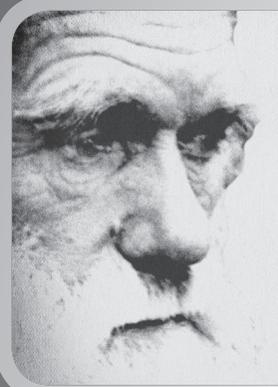
Organização



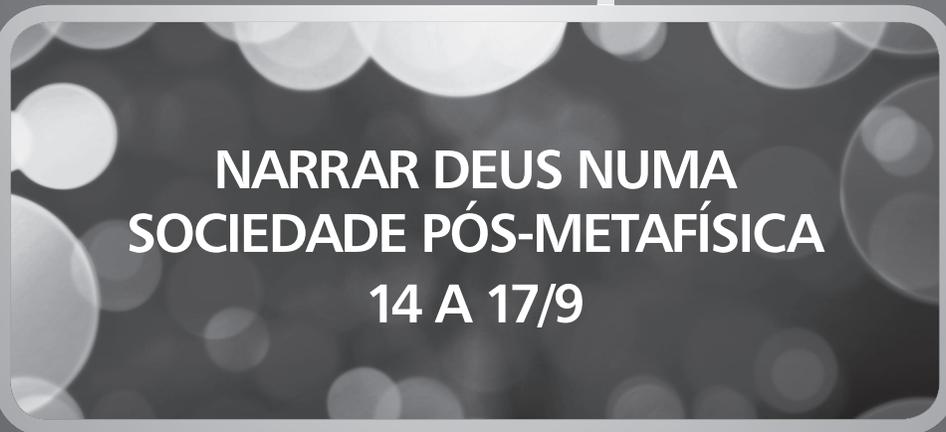


ESCALA

**EM SETEMBRO, O INSTITUTO
HUMANITAS UNISINOS - IHU -
TRAZ DOIS GRANDES
SIMPÓSIOS INTERNACIONAIS.**



**ECOS DE DARWIN
9 A 12/9**



**NARRAR DEUS NUMA
SOCIEDADE PÓS-METAFÍSICA
14 A 17/9**

Informações e inscrições: www.unisinos.br/ihu



Destques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 01-09-2009 a 05-09-2009.

‘O dinheiro é o sangue da Igreja’.

Entrevista com Ricardo Mariano, sociólogo
Confira nas Notícias do Dia de 01-09-2009

A Igreja Universal do Reino de Deus é alvo, mais uma vez, de debates acerca da sua relação com grandes meios de comunicação e seu rápido crescimento. Para o sociólogo, uma das explicações é que a Igreja tem poder religioso, midiático e político-partidário.

Crise da civilização: A união de todas as crises.

Entrevista com Jean Pierre Leroy, filósofo
Confira nas Notícias do Dia de 02-09-2009

“A medida de felicidade para a humanidade é ter bens. E isto numa espiral crescente de consumo, inovação, tecnologia, e de novos produtos, aderida pelo conjunto dos países”, constata o filósofo. Segundo ele, “frente à crise política que vivemos, vemos como a situação é complexa e como faz falta, de fato, uma esquerda”

Retomada da esperança.

Entrevista com Egon Heck, coordenador do CIMI
Confira nas Notícias do Dia de 03-09-2009

Para o coordenador do Conselho Indigenista Missionário com a recuperação dos estudos antropológicos para identificação das terras indígenas no Mato Grosso do Sul, que estava parada, os povos indígenas da região poderão, nova-

mente, viver o processo normal de regularização da terra.

Disciplina, harmonia e equilíbrio: as religiões chinesas e a construção da paz.

Entrevista com Adriano Jagmin D’Ávila, historiador
Confira nas Notícias do Dia de 04-09-2009

Para o historiador e mestre em artes marciais chinesas, “uma grande contribuição do espírito chinês e do espírito confucionista é fazer as pessoas ponderarem que podem ser mais sábias, e assim estarão em paz. E estando em paz, suas famílias, sua sociedade e seus países estarão em paz”.

Itapiranga: uma luta de mais de 30 anos.

Entrevista com Pedro Melchior, coordenador do MAB
Confira nas Notícias do Dia de 05-09-2009

Além de ser uma barragem que, historicamente, foi rejeitada pela população de Itapiranga (SC), as empresas que realizam os estudos sobre os impactos que essa obra vai trazer para a região tem, no currículo, participação em projetos fraudulentos.

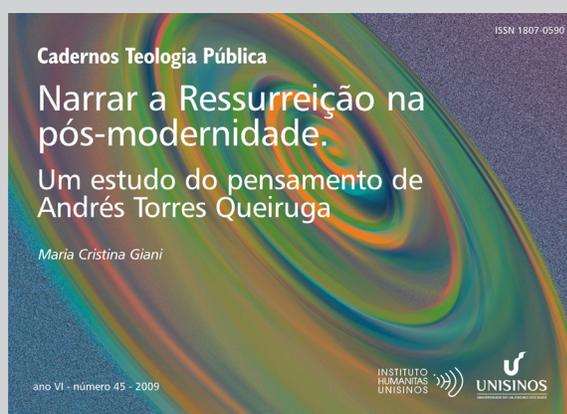
Análise de Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.ihu.unisinos.br, publicada em 01-9-2009.

A análise é elaborada pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

Leia as Notícias
do Dia em
www.ihu.unisinos.br

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU
(www.ihu.unisinos.br).

Dia 08-09-2009

Fórum sobre Indicadores Socioeconômicos e Políticas Públicas: realidades e possibilidades para o Vale dos Sinos - Módulo II

José Antonio Dias Tavares - MET - RAIS/CAGED e Lucia Garcia - Sistema PED
Indicadores Socioeconômicos e a Política de Trabalho, Emprego e Renda na região do Vale dos Sinos
Horário: das 18h às 22h

Local: Sala 1G 119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Dia 14-9-2009 a 3-10-2009

Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2009

Texto de referência de Fernando Ferrari Filho, *Cadernos IHU Ideias*, nº 37, 2005. (As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes)

Tema da entrevista: Política cambial, pré-sal

Informações: <http://www.moodle.unisinos.br/> e www.ihu.unisinos.br

Fórum de indicadores revela realidade do Vale dos Sinos

O Fórum sobre indicadores socioeconômicos e políticas públicas: realidades e possibilidades para o Vale do Rio dos Sinos busca discutir e transformar a realidade da região a

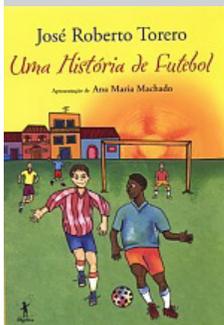
partir dos indicadores apontados. O segundo encontro do Módulo II, dividido em cinco etapas, acontece nesta terça-feira, 8-9-2009, às 18h, na sala 1G119, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. O evento conta com a presença de José Antonio Dias Tavares, da Datamec, responsável pelos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e pelo *Cadastro Geral de empregados e Desempregados (CAGED)*. No encontro, Tavares irá apresentar os dados da RAIS e do CAGED. Segundo ele, através dessas informações estatísticas é possível acompanhar o mercado de trabalho.

“Os indicadores qualificam a intervenção na realidade social e econômica da região na medida em que oferecem condições de acompanhar o histórico de determinados setores. Esses dados nos ajudam, entre outras coisas, a averiguar como está a contratação de homens e mulheres, qual é a faixa salarial e grau de instrução, por exemplo, no setor metalúrgico”, pontua. O evento conta ainda com a participação de Lucia Garcia, coordenadora técnica do sistema PED, responsável pela apresentação dos indicadores do Departamento Intersindical Economia e Estatística - DIEESE.

A partir do dia 27-8-2009, o evento também acontece através do sistema EAD (Ensino a Distância). Informações podem ser obtidas no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).



Sala de Leitura



>> TORERO, José Roberto. *Uma história de Futebol*. (Rio de Janeiro: Objetiva, 2006)

“Meu filho Vicente e eu acabamos de ler *Uma história de Futebol* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2006), de José Roberto Torero.

A obra oportunizou muitas descobertas e

múltiplas reflexões sobre a vida, a amizade, as diferenças, os sonhos... É uma história de dois meninos que gostavam muito de futebol. Um deles, Dico, jogava muito bem e o outro, Zuza, nem tanto. O livro apresenta as histórias dos amigos, que, em meio às diferenças, compartilham, ao longo de um ano inteiro, suas experiências de vida, de amores, de conquistas, de dificuldades e de brigas na escola, no campo, na família e na comunidade. Zuza relata esta história que é dividida com o Dico, que é nada mais nada menos do que o Pelé. Recomendamos a leitura. Ela tem um “gostinho” especial quando lida juntos (no nosso caso - mãe e filho). Ao final, a dica é ver o filme com este mesmo nome”.



Marilene Maia, professora do Curso de Serviço Social da Unisinos, coordenadora do Programa Trabalho, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e do Cadernos IHU, e Vicente Maia Battastini, 12 anos, estudante do Colégio Bom Conselho, Porto Alegre

>> MURAKAMI, Haruki. *Kafka à beira-mar*. (Rio de Janeiro: Objetiva, 2008)

“Um dia, numa livraria de aeroporto, comprei do nada o livro *Dance, dance, dance*, de um escritor japonês do qual nunca ouvira falar. Comecei a ler na sala de embarque e até hoje não parei de ler, sempre que encontro, é claro, esse cidadão do mundo cujo nome não consigo lembrar, embora seja fácil de pronunciar: Haruki Murakami. *Dance, dance, dance* é uma espécie de Neuromancer (que virou Matrix no cinema) sem tecnologia: é pura fabulação imaginadora.

No terceiro que li, *Kafka à beira-mar*, a fabulação é perpassada o tempo inteiro pelo vasto e eclético



repertório do autor, que vai citando e misturando em múltiplas tramas - situadas num Japão para sempre marcado pelas bombas atômicas - obras e personagens da literatura, cinema, música, filosofia (com destaque para Bergson) e história com os quais tenho grande empatia. Em seu relato sobre como o adolescente japonês Kafka foge de seu pai para encontrar-se freudianamente com a mãe, Murakami tece um rizoma com infindáveis linhas de fuga, e acaba dando a ver a complexidade da vida e da imaginação contemporânea, onde até um velho fala com uma pedra que se abre e fecha para mundos indiscerníveis e ouve gatos que fogem de um caçador de almas chamado Johnie Walker, meu uísque preferido. É uma fabulação bergsoniana no melhor sentido memorial e literário. Como eu podia não ter sido capturada? Recomendo tudo”.

Suzana Kilpp, professora da Unidade de Ciências da Comunicação

>> SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2005)

“Li *As intermitências da morte*, de José Saramago. A história começa com o fato de que a partir de 1º de janeiro de determinado ano, ninguém mais morreu na cidade. Com isso, o que, em princípio, podia ser visto como sorte, foi tornando-se um grande problema para aquela população, principalmente sob o ponto de vista burocrático. Em seguida, a morte resolve voltar a atuar, enviando cartas às pessoas que estavam autorizadas por ela a morrer. Uma das cartas volta à remetente, o que não poderia acontecer, dando outra direção para a história. Com este livro, José Saramago faz uma crítica à sociedade moderna, apresentando os conflitos entre a Igreja, as casas funerárias, os hospitais, até mesmo a ‘máfia’ da cidade, perante esta situação embaraçosa como a ‘greve’ da morte”.



Vanessa Alves, revisora de Língua Portuguesa do Instituto Humanitas Unisinos - IHU

IHU Repórter

Carlos Alberto de Oliveira Cruz

POR GRAZIELA WOLFART | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Basta acompanhar o professor Carlos Alberto de Oliveira Cruz pelos corredores da Unisinos para confirmar sua popularidade e seu carisma. O novo chefe de gabinete da reitoria da Unisinos tem como marca pessoal a simpatia, o profissionalismo e a alegria de viver, o que cativa a todos e todas por onde passa. Na edição desta semana da IHU On-Line, o Beto, como é conhecido pela comunidade acadêmica, conta alguns aspectos da sua trajetória e ressalta que, para ele, “ter uma família legal é algo que realiza a pessoa. Todo o resto é secundário: cargos, conquistas... Viemos da família e voltamos para a família. Ela é a nossa origem e nosso porto seguro. Esse é o grande desafio da vida: manter uma família estruturada”. Conheça um pouco mais deste colorado, que é o pai do Pablo, marido da Ana e que tem sua história de vida entrelaçada com a Unisinos desde a infância.

Origens - Nasci em Porto Alegre, em 1965, e quando eu tinha cinco anos de idade nossa família veio para São Leopoldo. A memória de Porto Alegre me remete à vida em apartamento e a brincadeiras em praças de vez em quando. As lembranças mais claras de infância são de São Leopoldo. Nossa mudança para a cidade já foi por causa da Unisinos. Meu pai era contabilista, tinha um escritório, e estava cursando Direito aqui na universidade. Ficava ruim estudar e trabalhar em uma cidade e morar em outra. A mãe trabalhava em casa naquela época, mas assim que chegamos em São Leopoldo ela começou a fazer o curso de Direito também. Meus pais tiveram toda uma vida ligada ao Direito. Foram professores da Unisinos depois de formados. Meu pai é advogado até hoje e a minha mãe é defensora pública. Tenho um irmão mais velho, o Paulo, que concluiu o ensino médio e trabalha conosco no escritório de advocacia da família. Em função de ele ser sete anos mais velho, não brincávamos juntos quando crianças. Desse período, lembro de jo-

gar bola nas ruas e praças de São Leopoldo, quando ainda era possível viver na área urbana andando de bicicleta, fazendo guerra de bexiguinha e outras coisas de criança.

Formação - Fiz o primeiro grau no Instituto Rio Branco, que ficava a duas quadras da minha casa. Depois, cursei o ensino médio no Colégio Sinodal. E a graduação em Direito foi aqui na Unisinos. Minha decisão não se deu apenas por influência da família, mas pelo convívio com o universo do Direito dentro da minha casa, desde criança. Nossa casa sempre foi muito frequentada por juizes, promotores, enfim, toda a vida forense de São Leopoldo se reunia frequentemente na casa dos meus pais. Sempre me identifiquei com essas pessoas. Fui o aluno com a melhor média na classificação final do curso, em julho de 1987. Por essa razão, ganhei a bolsa para cursar a Escola Superior do Ministério Público. Essa é uma escola com horas equivalentes a um curso de especialização, que é preparatória para concursos. Fiz a es-



cola e até cogitei, na época, de fazer concurso para ser promotor ou juiz, só que depois desisti. A família já tinha escritório de advocacia, e aqui na Unisinos se abria cada vez mais para mim a possibilidade de seguir uma trajetória acadêmica, de forma que acabei nunca fazendo concurso. Mais tarde, fiz um curso de especialização em Direito Empresarial, aqui na universidade, e meu mestrado em Direito, feito na PUC, conclui em 2001.

Trajetória na Unisinos - Meio ano após minha formatura no curso de Direito, fui convidado a dar aulas na Unisinos. Eu tinha 22 anos e muitos dos meus alunos eram mais velhos do que eu. Lembro do nervosismo no primeiro dia, nem achava a sala. Tudo aconteceu muito rápido, mas sempre pude contar com a solidariedade das pessoas que já trabalhavam aqui. Em um ano como professor recebi o convite para ser o coordenador do curso de Direito da Unisinos. Fui o primeiro coordenador do curso com formação jurídica, pois até então eram outras



PAI E FILHO: PAIXÃO EM COMUM PELO INTERNACIONAL

peças da universidade que exerciam essa função. Estive nesse cargo por seis ou sete anos. Depois houve uma troca de gestão e fiquei apenas com a sala de aula. Mais tarde, fui coordenador de extensão, depois pró-diretor de administração do Direito. Então, vim para a reitoria, como diretor de assuntos comunitários. Com a extinção das diretorias na instituição, passei a gerente de assuntos estudantis. Nesse meio tempo, me envolvi em outros projetos. Fui presidente de comissão de bolsa filantropia e atualmente estou na presidência da Fundepe. Tive também uma experiência muito rica e interessante apresentando o programa Fórum 4, na TV Unisinos, de 2000 a 2005. Hoje estou vivendo uma mudança radical na minha vida dentro da Unisinos, em função do convite que recebi do reitor para a chefia de gabinete. É um convite que me orgulhou e me emocionou. Cada vez que me dou conta do que isso representa, sinto que é um peso que me desafia todos os dias. É uma escolha pessoal, de depósito de confiança. O ânimo e a força vêm, sobretudo, do carinho dos amigos desta trajetória na Unisinos, dos mais diversos lugares por onde andei aqui dentro, que me abraçam e se alegram por mim.

Família - Sou casado com a Ana há 22 anos. Nos conhecemos aqui em São Leopoldo, em uma festa. Temos um filho de 19 anos, o Pablo, que faz Direito aqui na Unisinos. Somos muito unidos. A experiência de ser pai e de ter um filho parceiro é algo maravilhoso. Somos bastante próximos, saímos juntos para o futebol e tenho uma alegria muito grande por

ele ser colorado assim como eu. Essa é, inclusive, uma oportunidade para fazermos um programa juntos. Ter uma família legal é algo que realiza a pessoa. Todo o resto é secundário: cargos, conquistas... Viemos da família e voltamos para a família. Ela é a nossa origem e nosso porto seguro. Esse é o grande desafio da vida: manter uma família estruturada. Na hora boa, não tem graça festejar sozinho. E na hora da dificuldade é para a família que a gente corre. O grande valor que eu tenho é ter uma família. Talvez o fato de eu ser uma pessoa sempre alegre é porque tenho esse lastro.

Autor - Grande parte da minha leitura é de lazer. E nessa leitura gosto de temas ligados a advogados e à justiça. Por isso, tenho lido John Grisham. É best-seller, de qualidade discutível, mas é uma leitura de entretenimento.

Livros - *Cale-se*, do Caio Túlio Costa, *Abusado*, do Caco Barcellos, *A Ilha do Doutor Castro*, de Corinne Cumerlato e Denis Rousseau.

Filme - *Cinema paradiso*, de Giuseppe Tornatore.

Nas horas livres - Em casa, com a família. Gosto também de sair para jantar, tomar um chope com a esposa, convidar o filho e a namorada dele para comer uma pizza no shopping, ou curtir uns dias com a família para Gramado.

Um sonho - Sou tão grato por tudo o que tenho e por a vida ter sido tão generosa comigo, que fica até difícil pensar num sonho. Não

que eu seja acomodado, mas sou feliz com o que sou. No entanto, de vez em quando, me pego pensando que eu gostaria muito de, o dia em que decidir parar de trabalhar, poder parar com felicidade, sem sofrer por isso. Que eu possa viver na praia com a família e encontrar prazer e felicidade nisso. Talvez esse seja meu sonho.

Fé - Sou católico e esporadicamente vou à missa. Aprecio muito o diálogo direto com Deus e isso é importante na minha vida. Dedico um tempo para conversar com Deus e comigo mesmo. No mais das vezes, sem intermediário.

Política no Brasil - É uma batalha, mas precisamos continuar brigando pela questão ética. Minha experiência na Unisinos no contato com o movimento estudantil me ensinou muitas coisas em relação a isso. Penso que participar da política é importante. Afastar-se dela é admitir que perdemos o jogo.

Unisinos - Uma instituição que se confunde com a minha vida. Já passei por tanta coisa aqui dentro, que tenho dificuldade de falar sobre a universidade de forma isenta. Quando encontro as pessoas que passaram por aqui, mas que hoje estão lá fora, o sentimento de saudades é unânime. A Unisinos tem um valor que marca as pessoas do ponto de vista afetivo. Também vejo a universidade enquanto uma força que agrega valor às pessoas e à sociedade. Jesuítas e leigos, de São Leopoldo (agora também em Porto Alegre, Bento e Caxias) para o mundo, cumprem uma linda missão.

IHU - Uma referência de valor fundamental em relação à ética cristã e à humanidade. Seu papel é importantíssimo por trazer ao debate as grandes questões do momento. Percebo que hoje o IHU é o sonho de consumo das pessoas na universidade, que gostariam de, assim como eu, poder usufruir e degustar mais das publicações e dos eventos promovidos pelo Instituto. Vou me disciplinar para poder aproveitar mais suas ofertas.

Destaques



IX
SIMPÓSIO
INTERNACIONAL **ihu:**
ECOS DE **DARWIN**
9 a 12 de Setembro/2009

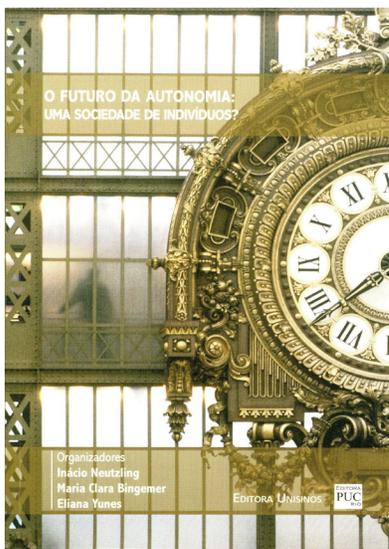
Ecoss de Darwin

Começa amanhã o Simpósio Internacional Ecoss de Darwin, que estende-se até o dia 12 de setembro, na Unisinos. “A recepção do Darwinismo na América Latina” é a primeira conferência do evento, que será proferida pela Profa. Dra. Heloísa Maria Bertol Domingues - MAST - RJ. Acesse o sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) e acompanhe a cobertura do evento.

Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica

A Unisinos, sob a coordenação do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em parceria com a PUC-Rio, realizará de 14 a 17-09-2009, o X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e Impossibilidades.

Entre os conferencistas estão Jean-Louis Schlegel, William Stoeger, François Euvé, Franklin Leopoldo e Silva, Christoph Theobald, Alexander Navas, Mary Hunt, Karl-Joseph Kuschel e Felix Wilfred. Mais informações e a programação completa estão em www.ihu.unisinos.br Acesse e confira.



O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos?

Fruto do Simpósio Internacional O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos?, realizado na Unisinos de 21 a 24 de maio de 2007, acaba de ser lançado o livro **O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos?** (Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009). A coletânea das ideias de vários dos conferencistas do evento é organizada pelos pesquisadores Inácio Neutzling (IHU), Maria Clara Bingemer (PUC-Rio) e Eliana Yunes (PUC-Rio). Podem ser lidos os textos de **Affonso Romano de Sant'Anna, Benilton Bezerra Jr., Charles Melman, Jean-Claude Monod, Paul Valadier, Robert Castel e Santiago Zabala**. Uma leitura instigante e que nos convida a refletir sobre os rumos que tomamos enquanto sociedade. A obra pode ser adquirida na Editora Unisinos por R\$ 17,00.

Apoio:

